

am

AVENÍDIA — REVISTA MENSAL — ANO LXXXVII — Nº 3
MARÇO 1986 — Cr\$ 4.500

A MORTE DE JESUS
OU O ATENTADO
CONTRA O REINO

PÁSCOA DA NOVA
ALIANÇA

RESSURREIÇÃO





Direitos humanos

27

ARTIGO XXVII — Todo homem tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir das artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios. Todo homem tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica, literária ou artística da qual seja autor.

Eles edificarão casas, e nelas habitarão; plantarão vinhas e comerão o seu fruto. Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam; porque a longevidade do meu povo será como da árvore, e os meus eleitos desfrutarão de todas as obras das suas próprias mãos. Não trabalharão debalde (Is 65,21-23).

É preciso trabalhar muito para que todos tomem consciência, não só do direito à cultura, mas também do dever que têm de se instruir e de ajudar os outros neste campo. Existem, com efeito, condições de vida e de trabalho que impedem as aspirações culturais dos povos e destroem neles o desejo da cultura. Isto vale especialmente para os camponeses e trabalhadores, aos quais se devem proporcionar condições de trabalho tais que não impeçam, mas antes ajudem a sua cultura humana... Será um dever para todos reconhecer e fomentar a necessária e específica participação das mulheres

na vida cultural. (Concílio Vaticano II, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 1965).

Para que uma sociedade traduza o sentido cristão de humanidade é necessário que, a par com a mudança das estruturas sociais, se processe uma transformação da mentalidade humana. O sentido cristão de humanidade só pode ser alcançado em uma sociedade na qual as pessoas tenham vida comunitária, consciência de solidariedade humana e de responsabilidade social. (*Credo Social da Igreja Metodista*, 1971).

Sl 33,3 — Dn 1,4;1,17 — Ef 4,1.

PARA REFLETIR E DISCUTIR EM GRUPO

1. Onde você vive, há condições para que todos possam estudar?
2. Caso a primeira resposta seja negativa, o que você poderia fazer para que esse direito se torne realidade?
3. Como é desenvolvida a arte e a cultura popular no meio de vocês?
4. O que fazer para que a arte e a cultura popular não se percam?

Terra na terra prá quem já tem terra no céu

Ana Valim

*“O justo que morre condena os maus que vivem
De pé, porém, estará o justo em segurança
Na presença dos que o oprimiram
e dos que desprezaram seu sofrimento.
Vendo-o, serão tomados de terrível pavor”
(Livro da Sabedoria).*

Num país com tanta terra, aliás o Brasil é um dos maiores países do mundo, com seus 567 milhões de hectares de terra boa para a agricultura; milhões de trabalhadores sem terra não têm acesso à ela. O latifúndio é dono de 83% das terras brasileiras. Esta má distribuição do solo é causa do aumento sensível da violência no campo, que em 1985 ceifou a vida de 159 lavradores, segundo dados do Movimento dos Sem-Terra e CPT, sendo que nos meses de setembro e outubro foi registrado um assassinato a cada dois dias.

E enquanto o país vê estarecido o empobrecimento dos trabalhadores rurais (e em contrapartida o aumento do custo de vida, do desemprego, da falta de moradia, da marginalização nos grandes centros urbanos) — o governo da Nova República lança seu PNRA — Plano Nacional de Reforma Agrária — que, por sua vez, refugou diante dos grandes proprietários de terra em detrimento dos direitos dos trabalhadores: “Terra para quem trabalha a terra”.

Apesar do recuo do governo Sarney, apesar da repressão, das ameaças e assassinatos — os trabalhadores não estão cruzando os braços, ao contrário, estão gritando por seus direitos nas ruas, nos 42 acampamentos dos sem-terra espalhados por todo o país, estão



FOTO: CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS — SP.

“Os acampamentos são uma força muito grande”.

nas ocupações de terras ociosas, dando seu grito, ainda que sufocado, de libertação.

BRASIL, UM PAÍS DE PAZ?

É comum a gente ouvir por aí que o Brasil é um país de paz, “aqui graças a Deus, não tem guerra”. Mas essa não é bem a verdade. Embora os meios de comunicação social não divulguem, tendo em vista os interesses da classe dominante que defendem, muita gente, muitos trabalhadores são assassinados na sua luta por um pedaço de terra para trabalhar

e viver. Segundo dados da CPT — Comissão Pastoral da Terra; da Contag — Confederação dos Trabalhadores na Agricultura e do Movimento dos Sem-Terra, a média de trabalhadores assassinados em 82/83 era de quatro por mês. Em 1984 esse número subiu para cinco e, em 85, até outubro, a média de trabalhadores mensalmente assassinados na zona rural chegou a sete. A cada dois dias de setembro e outubro, assassinou-se um trabalhador rural. No país da paz o estado do Pará bateu recorde com 54 mortes; Minas Gerais ficou em segundo lugar, com 26; em

terceiro ficou o Maranhão, a terra do presidente Sarney, com 20 mortos; Pernambuco em quarto com 13 e em quinto, Bahia e Goiás, com nove mortes cada (dados do Jornal Sem-Terra, edição de nov/85).

De acordo com levantamentos da COT e MST a violência no campo contra os trabalhadores vem sendo cada vez mais seletiva, ou seja, as vítimas, em geral, são sindicalistas ou líderes populares que se destacam nos vários grupos organizados em torno do problema da terra. "Em outras palavras, os grandes proprietários e seus jagunços estão matando os dirigentes dos trabalhadores rurais, as suas lideranças... Por isso, a violência no campo é classista" (texto base da Semana Nacional Contra a Violência no Campo, realizada em dezembro/85).

Exemplo típico desta violência seletiva foi o assassinato do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Maria, Pará, João Canuto de Oliveira, no mês de dezembro passado. De acordo com nota à população divulgada pela Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos, "O assassinato de João Canuto não é um fato isolado. Nos últimos meses, dezenas de trabalhadores rurais e lideranças sindicais foram barbaramente massacrados, enchando de sangue as terras paraenses". A nota ressalta ainda que "João Canuto era um defensor intransigente dos direitos dos trabalhadores" e que sua morte "é mais um passo na escalada de violência dos latifundiários, que organizam verdadeiros sindicatos de crimes (Associação dos Produtores Rurais do Sul do Pará, Sindicato Rural, etc.) e milícias de pistoleiros fortemente armados para abater os trabalhadores". A violência é tão clara que, segundo a Sociedade Paraense, "É pública e notória a existência de lista de lideranças sindicais, políticas e religiosas, para serem assassinadas.

NÚMERO DE ASSASSINATOS DE LAVRADORES POR ANO, POR ESTADO E NO BRASIL — 1982 a 1985

ESTADO	1982	1983	1984	1985	TOTAL
Acre	—	1	1	—	2
Alagoas	—	1	4	—	5
Amazonas	—	—	—	1	1
Bahia	7	18	16	8	49
Ceará	2	—	2	4	8
Espírito Santo	—	—	2	—	2
Goiás	4	9	10	8	31
Maranhão	11	7	17	20	55
Mato Grosso do Sul	—	6	—	2	8
Mato Grosso	2	3	13	2	20
Minas Gerais	—	2	7	16	25
Pará	20	30	25	80	155
Paraíba	1	2	3	—	6
Paraná	—	1	1	3	5
Pernambuco	2	3	9	11	26
Rio de Janeiro	2	1	—	—	3
Rio Grande do Sul	—	—	1	—	1
Rio Grande do Norte	—	—	1	—	1
Rondônia	1	—	2	3	6
São Paulo	1	—	2	—	3
Santa Catarina	—	1	—	—	1
Sergipe	—	—	—	1	1
BRASIL	53	85	116	159	413

FONTE: Movimento dos Sem-Terra, CPT e CONTAG, assassinatos ocorridos até o mês de outubro/85, não incluindo garimpeiros, índios e acidentes com bóias-frias, que só neste ano atingiu mais de 60 vítimas.

**SETEMBRO/OUTUBRO/85
UM ASSASSINATO A CADA DOIS DIAS**

Nome	Local	Data (dia)
Manoel F. de Souza	Coroatá/MA	5/9
Domingos de Abreu	Coroatá/MG	5/9
José Luiz Moraes	Caraji/MA	18/9
Antonio Pedro	Coroatá/MA	24/9
João Teodoro Rodrigues	Abatia/PR	27/9
José Barbosa da Costa	Marabá/PA	27/9
Manoel Barbosa da Costa	Marabá/PA	27/9
Francisco Oliveira da Silva	Marabá/PA	27/9
José Pereira de Oliveira	Marabá/PA	27/9
Raimundo de Almeida Brandão	Paragominas/PA	30/9
Elias de Almeida Brandão	Paragominas/PA	30/9
Antônio Balduino Varela	Paragominas/PA	30/9
Antenor Sena de Freitas	Santa Luzia/MA	3/10
Francisco Teodoro Silva	Santa Luzia/MG	3/10
Julio Rodrigues Miranda	Bonfinópolis/MG	6/10
Sebastião Gomes da Silva	Ribeirão/PE	6/10
José Bartolomeu da Silva	Ribeirão/PE	6/10
José Abel da Silva	Escada/PE	—
José Antonio da Silva	Caucaia/PE	16/10
João Severo dos Santos	Escada/PE	17/10
Luiz Mendes Carvalho	Sítio Novo/GO	21/10
Trab. não identificado	Rolim de Moura/RO	23/10
Domingos da Silva Santarém	São João da Aliança/GO	26/10
Raimundo Valério Ribeiro	Quixadá/CE	27/10
Francisco José Félix Ribeiro	Quixadá/CE	26/10
Evanduil Pereira da Silva	Aliança	2/9
Isaías	Canápolis/BA	11/9
Salvador A. dos Santos	Paragominas/PA	16/9
Antônio Ferreira da Silva	Santa Luzia/MA	17/9
Antônio Inácio	Santa Luzia/MA	17/9
Nativo da Natividade de Oliveira	Carmo do Rio Verde/GO	23/10
Ismênia Mendes	Patrocínio/MG	23/10
Ezequiel Pereira dos Santos/Caiapó	Marabá/PA	27/9
Índio não identificado	Amazonas	setembro
Índio Xucuru-Kariri	Amazonas	outubro
Pistoleiro Irineu	Grajaú/MA	13/10
Um jagunço não identificado	Rolim de Moura/RO	outubro

TEORIA E PRÁTICA LIBERTADORAS

José Penalva

João Paulo II faz sua 29ª viagem apostólica. Desta vez é a Índia que ele visita. O acontecimento foi de 31 de janeiro a 10 de fevereiro deste ano. Sua mensagem de amor, de misericórdia, de justiça e de paz revela o espírito do Evangelho.

Em certa ocasião perguntaram a Madre Tereza de Calcutá, se não seria melhor ensinar a pescar do que dar o peixe ao pobre. “Muitas vezes, respondeu ela, é urgente dar o peixe, pois não há tempo para ensinar coisa alguma”. É a urgência que caracteriza, por exemplo, o seu abrigo de Calcutá, Índia, que, desde 1952 tem ajudado a uma multidão de velhinhos “a morrerem com dignidade”, como ela mesma diz.

O Santo Padre acaba de ir até lá. Em Roma, durante o último Sínodo do qual ela participou, Madre Tereza foi abordada por jornalistas que desejavam saber se ela não preferiria receber para suas obras o dinheiro que o Papa gastaria em sua viagem à Índia. Madre Tereza não titubeou em seu ponto de vista: “O Papa vai à Índia e

não faz mais do que o dever dele”. E a viagem, como nos informaram os meios de comunicação, foi um magnífico triunfo e mais uma bênção do Senhor!

Em Ranchi, ante 200.000 pessoas, João Paulo II pediu à humanidade que “deixem falar os pobres de Madre Tereza e todos os pobres do mundo... Deixem, uma vez por todas, falar os que não têm palavra, deixem a Índia falar! Nada façam para perpetuar o ódio, a injustiça, o sofrimento, nada façam para estimular a corrida armamentista, nada para favorecer a opressão dos povos e das nações, nada inspirado em formas hipócritas de imperialismo ou por ideologias desumanas”.

O mesmo coração, de onde brotaram tais palavras, abriu-se

em gestos de amor não menos belos: no abrigo de Madre Tereza segurou entre as mãos as cabeças cansadas dos velhinhos, serviu-lhes sopa de bandeja em punho e acariciou os leprosos de rostos destruídos... Por isso Madre Tereza não se continha de alegria: “É o dia mais feliz de minha vida; um dia pelo qual esperei sempre”!

Na véspera de sua partida da Índia, perguntaram ao Santo Padre como se poderia controlar a natalidade... Sem dúvida uma situação extremamente delicada para um visitante que já estendia a mão para as despedidas... Mas o Senhor permitiu-lhe lembrar algumas palavras de Gandhi e com elas pode responder sem arranhar a diplomacia e sem trair sua consciência: “Não por meios imorais e artificiais, mas através de uma vida de disciplina e autocontrole”. E acrescentou: “Esta também é a profunda convicção da Igreja Católica”.

Os indianos, entre os quais há apenas uma minoria católica, não mediram esforços para externar seu encantamento ante essa inesperada irrupção da pessoa de Cristo entre eles. E se, com a cabeça cheia de deuses, já consideravam Madre Tereza a reencarnação da deusa Khali, cujo templo está ao lado do abrigo dos velhinhos, agora não se contiveram ante a figura de João Paulo II e exclamaram com o cacique Neanmei Abraham: “Parece um deus”!

A história se repete; em Icônio, ante o milagre operado por São Paulo, a população exclamou: “Deuses baixaram em forma humana”, pois para eles Paulo era Hermes, e seu companheiro Barnabé era Júpiter. Com custo conseguiram convencer de que tudo era bondade do Deus vivo (AA. XIV, 8-18). João Paulo II e Madre Tereza não precisam explicar nada. A porta do abrigo dos velhinhos se-lê: “Nós o fazemos por Jesus”.

(José Penalva é sacerdote claretiano, professor de teologia no “Studium Theologicum” de Curitiba).

(Campanha da Fraternidade - 1986)

"Realizem em solo brasileiro o desígnio divino: Terra de Deus, terra de irmãos"

O papa João Paulo II falando para todos os brasileiros abre a Campanha da Fraternidade de 1986 com a seguinte mensagem:

"Meus amados irmãos e irmãs em Jesus Cristo, queridos brasileiros:

1. Promovida pelos senhores bispos, vai começar mais uma Campanha da Fraternidade nesse dileto país. Nesta Quaresma, tempo de conversão e peritência, ela se destina a preparar a Páscoa: a passagem do Senhor. É chamado o maior empenho em vivermos como filhos de Deus e todos irmãos em Cristo: é apelo à salvação e à ajuda fraterna, para que todos tenham vida, se tornem livres em adesão à verdade e trilhem o caminho da purificação do pecado e da libertação do mal que ele traz consigo, no plano pessoal, social e estrutural.

É apelo a todos os que peregrinamos para o 'novo céu e nova terra' nesta 'terra de Deus, terra de irmãos'.

É este o tema da campanha que hoje tenho a alegria de abrir. É um programa-converte, sobre o qual as pessoas e comunidades da Igreja que está no Brasil vão refletir e rezar. Mas interpela todos os homens de boa vontade, para que se conscientizem e realizem no imenso solo brasileiro o desígnio divino que o quer, cada vez mais, 'terra de Deus, terra de irmãos'.

2. Páscoa é 'passagem do Senhor'.

Celebrar a Páscoa é evocar a experiência do povo escolhido, quando foi libertado da escrivi-

dão do Egito e Deus lhe fez o dom da 'terra prometida', depois de purificado; mas Páscoa, para nós, é sobretudo reviver o mistério pascal de Cristo; não apenas como fato histórico, mas como realidade que se perpetua, torna presente a sua morte e ressurreição, na liturgia e no centro da vida e peregrinação eclesial, comunitária e pessoal dos cristãos.

Para animar esta caminhada, hoje lembro apenas dois quadros da divina pedagogia: o primeiro, traçado por Cristo, encerra a história de um homem rico que 'todos os dias se divertia com luxo', enquanto 'jazia ao seu portão, coberto de chagas e desejoso de matar a fome' com o que 'caía' da sua mesa, o pobre Lázaro (Lc 16,19); o outro quadro, mais sintético, é o da profecia de Jeremias: 'Os pequeninos pediram pão, e não havia quem lho desse' (Lam 4,4). Em ambos há denúncia do pecado: o amor de si mesmo levado até ao desprezo de Deus, no irmão pobre.

3. 'Terra de Deus, terra de irmãos' — quer dizer: reconhecer Deus como Senhor, legislador e juiz; acolher Cristo e reconhecer que ele, quando da sua Páscoa na terra dos homens os proclamou 'todos irmãos' (Mt 23,8).

E Cristo continua a passar, nas áreas indígenas, rurais e urbanas do Brasil, convidando a todos a terem parte na sua Páscoa, identificando-se com:

— O irmão sem terra e sem trabalho, a gritar a falta de sentido da própria existência sofrida;

— O irmão sem casa, que dorme pelas beiras das calçadas, a gritar o frio de não ter lar, do desamor e falta de calor humano;

— O irmão analfabeto, 'sem voz nem vez', gritando a sua condenação ao subemprego e mendigando a própria participação;

— O irmão doente ou que vive atrás das grades da cadeia, a clamar: eu não quero ser um marginal;

— O irmão sedento, porque houve o flagelo da seca, a aumentar a sua sede de justiça, amor à fraternidade;

— O irmão faminto, que mostra toda a sua fome de pão e fome de Deus.

Todos estes deixam entrever o rosto de Cristo. Para todos estes é necessário a 'terra de Deus' tornar-se cada vez mais 'terra de irmãos'. Ajudemo-los!

É este o caminho da fraternidade, em direção à Páscoa litúrgica e à Páscoa eterna, onde Cristo nos espera, para dizer: 'A mim o fizeste!' 'Vinde benditos de meu Pai, entrai na posse do reino que para vós está preparado desde a criação do mundo' (Mt 25,34).

Para que vós prepareis esta acolhida de Cristo, dou-vos a bênção, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo — Amém!"

(Quarta Feira de Cinzas — 12 de fevereiro de 1986).

"TERRA DE DEUS, TERRA DE IRMÃOS"

Dom Luciano Mendes de Almeida
(Secretário-geral da CNBB)

Irmão Israel José Nery
(Coordenador nacional da CF)

Ao completar seus 22 anos a Campanha da Fraternidade em 1986 convoca todos os cristãos e todos os homens de boa vontade para uma ação conjunta de preces, reflexões e mobilização sobre o gravíssimo problema da questão da terra no Brasil, a ser solucionado evangelicamente ou seja, dentro da justiça e da fraternidade.

A Terra, que é dom de Deus a todos os seus filhos, infelizmente está muito mal distribuída. No caso do Brasil a injustiça é gritante, pois 1,2% das propriedades com mais de mil hectares está com 48,5% das terras agricultáveis, ficando apenas 2,4% dessas terras para 50,4% das propriedades com menos de 10 hectares. A terra nas regiões indígenas, na zona rural e nas cidades, é causa de terríveis sofrimentos, miséria, migração, fome, violência e mortes.

Condicionada à estrutura organizacional da sociedade, a questão da terra encontra solução em três vertentes conjugadas: a conversão pessoal para mais autêntica vivência da filiação divina e da fraternidade; a mobilização pacífica, firme e organizada das comunidades para resolverem as questões, que estão ao seu alcance, e para obter das autoridades o que lhes compete por direito; autêntica, ampla e justa reforma agrária, reforma urbana e solução das demarcações e homologações das terras indígenas.

NA QUARESMA...

O tempo da Quaresma é momento privilegiado: é a caminhada

de preparação imediata à Páscoa do Senhor Jesus. Quaresma significa conversão, ou seja, maior identificação no ser, pensar e agir com o Senhor Jesus.

O mandamento novo "Amavos uns aos outros" (João 13,35) e o testemunho do Senhor Jesus em

seu sofrimento e morte são propostos a cada cristão e às comunidades na Quaresma sob o enfoque do empenho pela fraternidade e pela justiça em todas as dimensões da vida, mas privilegiando em 1986 a questão da terra...

Em 1985 fomos convocados pela Campanha da Fraternidade a muitos gestos concretos em benefício de nossos irmãos famintos. "Pão para quem tem fome" mobilizou-nos para o esforço de diminuir a fome no Brasil. Mas este esforço esbarrou em entraves grandes, entre os quais, em especial, as causas estruturais da fome. Neste sentido, entre outros, coloca-se o tema da Campanha da Fraternidade 1986, pois a questão da terra é, sem dúvida, um dos principais motivos da fome em nosso País.

Muitos dos gestos concretos, propostos na Campanha da Fraternidade anterior, devem ser retomados e aperfeiçoados em sua execução. Mas a Campanha da Fraternidade 1986 pede o encaminhamento de uma Reforma Agrária justa, autêntica e ampla. Pede também uma mobilização de todos em prol do que se deve colocar na Nova Constituição quanto à posse e usufruto da terra nas áreas indígenas, rurais e urbanas...

Invocamos o Espírito do Senhor para que nos auxilie a intensificar a dinâmica do compromisso evangelizador... E que Nossa Senhora de Aparecida, Mãe nossa, faça com que a terra brasileira seja expressão da verdadeira comunhão fraterna.

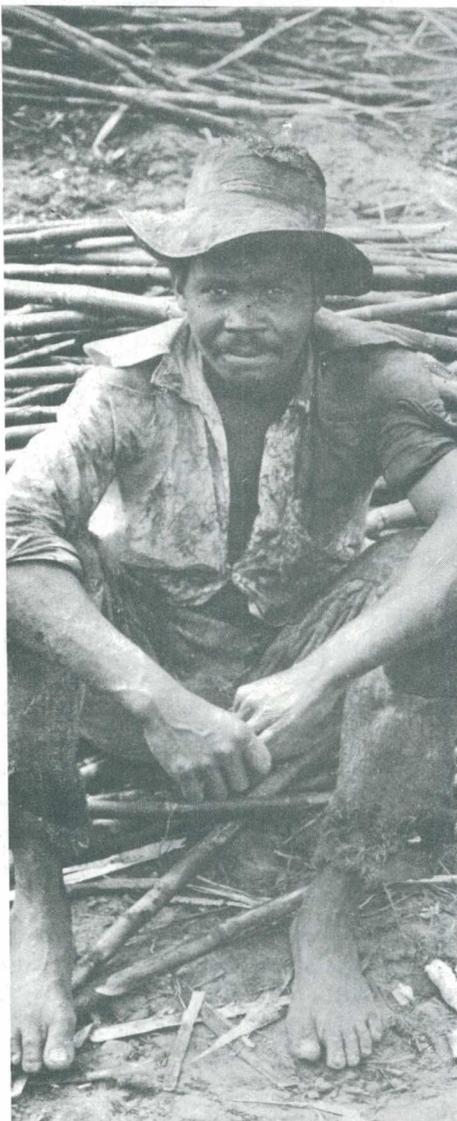


FOTO: MECENAS M. SALLES

OPINIÃO DOS LEITORES

A cada dois meses a Revista AVE MARIA publica artigos, cujas cópias são antecipadamente enviadas a alguns assinantes representativos da Revista. As respostas às questões sobre o tema do artigo serão computadas, bem como um resumo dos comentários e opiniões. Os leitores que só agora estão lendo o artigo e, contudo, também desejarem opinar sobre o mesmo, devem escrever para a REDAÇÃO, e suas opiniões serão publicadas no próximo número da Revista. Os interessados em receber os artigos antecipadamente também podem escrever-nos, solicitando cópias.

Os leitores que receberam antecipadamente o artigo: "A MORTE DE JESUS OU O ATENTADO CONTRA O REINO" assim se expressaram diante das 6 questões:

QUESTÕES:

1. A morte de Cristo pode ser considerada como a mais violenta reação contra o Reino de Deus?

SIM 87,5% NÃO 12,5% INDIFERENTE 0,0%

2. Sendo a morte de cruz um castigo a delitos de Estado, a vida de Cristo foi entendida como ambígua e suspeita aos olhos daqueles que o contemplavam crucificado?

SIM 87,5% NÃO 12,5% INDIFERENTE 0,0%

3. Você acha que, Cristo foi condenado por blasfêmia e subversão como o próprio autor diz?

SIM 75% NÃO 12,5% INDIFERENTE 12,5%

4. Para você a doutrina de Cristo e sua atuação é alto risco?

SIM 25% NÃO 62,5% INDIFERENTE 12,5%

5. Em sua opinião a vivência da doutrina de Cristo faz com que muitas vezes sejamos pessoas insuportáveis para as estruturas injustas?

SIM 62,5% NÃO 25% INDIFERENTE 12,5%

6. Jesus criticou a religião que está a serviço das decisões políticas onde dominadores se auto-divinizam. Você acha que a religião hoje, em sua comunidade também seria criticada por Jesus?

SIM 50% NÃO 37,5% INDIFERENTE 12,5%

As respostas foram dadas por:

37,5% mulheres

37,5% homens

25% grupos

COMENTÁRIOS

"A morte, a vida e a paixão de Cristo representam bem mais que um acontecimento da história da humanidade. São assim como um modelo de como nós devemos viver e enfrentar as dificuldades.

* Estamos realmente acostumados a contemplar com naturalidade a paixão e morte de Cristo. Não estamos vivendo a verdadeira essência da doutrina de Cristo.

Não sei se basta rezarmos dias e noites a fio numa capela, enquanto o mundo grita e se mata lá fora. Gastamos os joelhos em oração mas não gastamos as mãos na ajuda ao próximo. Que não seja assim.

Acho que podemos mudar o mundo, se cada um quiser e fizer sua parte. Hoje em dia atentado contra o reino — tem outros nomes, como por exemplo: epidemias, fome de morte, baixa nutrição, aborto, guerras, apartheid, política (assim como no Brasil), repressão, salários de fome etc. Deus criou-nos para a perfeição, para a santidade, e olha o que o homem sem direito faz com a criação de Deus".

"Ora, se Jesus disse para não temermos aqueles que têm o poder de tirar a vida corporal, mas para temermos Aquele que além de tirar a vida, tem o poder de lançar a alma no fogo eterno. E se eu sou chamado. Não vou? Lógico que vou. Temer o que, se Deus é Pai?"

"Sim. Nós somos aquela pedrinha no sapato. Somos diferentes. Questionantes".

Rinaldo Maciel de Freitas
Divinópolis, SP

"Sendo Jesus o próprio Filho de Deus e os homens daquela época condenando-o à morte, ofenderam frontalmente o Reino de Deus".

"Cristo pregou uma doutrina quase oposta às tradições e costumes religiosos da época provocando a revolta dos "doutores da lei", fariseus, por isso foi considerado suspeito".

"Sendo considerado subversivo, somando a isto a pouca importância que deu aos presunçosos "sacerdotes" (charlatães) é o termo mais adequado — Extorquiam dinheiro e outros valores do povo em benefício do próprio, usando o nome de Deus".

"Todo aquele que denuncia os crimes, roubos, corrupção etc. dos "grandes", a bem da justiça, está sujeito a ser morto a traição por seus jagunços, como aconteceu a vários padres que se propuseram a esclarecer os pobres sobre seus direitos e que eram explorados pelos latifundiários, tendo por isso sido assassinados".

"Hoje nada mudou, os "grandes" querem ser cultuados, adulados, pelos humildes".

Pelo grupo, Geraldo Oliveira Franco
Araraquara, SP

A crucificação de Cristo pra mim foi um ato de grande violência ao Reino de Deus. Um homem que nada fez de mal, que apenas pregava um modo de vida realmente perfeito, que nos apresentava a verdadeira face de Deus".

Luís Antonio da Silva
Santos, SP

"Hoje muita gente trabalha em comunidade visando cargos para aparecer e se esquece que o verdadeiro objetivo do trabalho é crescer na vida cristã para poder evangelizar. Por causa disto, talvez a minha comunidade recebesse críticas de Jesus".

João Benedito Alves
Santos, SP

três metros acima do chão. A espera da agonia e da morte durava horas, até mesmo dias. O esgotamento físico, a asfixia, a hemorragia e o colapso podiam provocar o desenlace definitivo. A crueldade e a publicidade deste castigo revestiam-se dum caráter exemplar para a sociedade: sua finalidade era vindicativa e dissuasória. Submetendo-se Jesus a esta morte, sua vida ficou sujeita a uma terrível ambigüidade e suspeita aos olhos daqueles que o contemplavam. Seria justo o processo que o levou a este fim?

Como blasfemo e subversivo

No processo de Jesus houve duas acusações decisivas: blasfemo e subversivo. Jesus foi acusado de blasfemo (Mc 14,64) no processo a que foi submetido pelo Sinédrio. Torna-se difícil determinar historicamente como se desenrolaram as duas sessões do Conselho judaico (Mc 14,53ss; 15,1): parece que *na primeira reunião* as diferentes secções do Sinédrio não encontraram uma causa uniforme de condenação. Era provocador, porém, o silêncio de Jesus às perguntas do Sumo Sacerdote (Mc 14,61). O silêncio era considerado blasfemo e insolente segundo o livro do Deuteronomio: “Aquele que, por orgulho, recusar ouvir o sacerdote que estiver nesse tempo ao serviço do Senhor, teu Deus, ou o juiz, *esse homem* será punido de morte” (Deut 17,12). O silêncio foi então suficiente causa de morte, porque Jesus não aceitou submeter-se à autoridade do Sumo Sacerdote. Esta atitude teve suas raízes em sua vida e pregação. Jesus desvalorizou o caráter salvador da lei, da religião de Israel, ao arvorar-se como anunciador de outra forma de Deus reinar no mundo; a pretensão de Jesus, de monopolizar o acesso a Deus através de sua pessoa, colocou sob interdição as tradições de fé, as leis pelas quais Israel se regia, o culto do Templo e a constituição religioso-política do

povo judaico. A partir desta perspectiva global pode-se compreender como é que os diferentes grupos ideológicos do Senado judeu (Sinédrio) chegaram a uma condenação unânime, embora cada um deles condenasse a Jesus por motivos diversos. O silêncio de Jesus fez que concordassem entre si na causa de condenação à morte: o silêncio interpretado por eles como blasfêmia.

Na segunda sessão do Sinédrio (Mc 15,1), os sacerdotes, senadores e letrados do Conselho decidiram que o poder romano executasse a sentença de morte. Para isso era necessário ressaltar de maneira especial o caráter subversivo e político das atividades de Jesus. Judeus e romanos coincidiram no tocante à periculosidade da doutrina e da atuação de Jesus. O império era constituído por uma mistura entre a ordem política (culto ao imperador) e a ordem religiosa (*Pax romana*, que admitia democraticamente o culto a todos os deuses dos diversos povos). Não havia política sem religião. E mais: a religião estava a serviço das decisões políticas, decisões que Jesus criticou quando disse: “Os reis dos pagãos dominam como senhores, e os que exercem sobre eles autoridade chamam-se benfeitores. Que não seja assim entre vós; mas o que entre vós é o maior, torne-se como o último; e o que governa seja como o servo” (Lc 22,25-26). Jesus criticou o delito religioso dos dominadores que se autodivinizavam; separava sem contemplos o que eles mesclavam: “Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (Lc 20,25). Por isso, Jesus não se curvou diante do poder romano; não se deixou julgar por ele; não o reconheceu como interlocutor válido. Seu Reino supera os reinos deste mundo (Mc 15,4-5). A sentença de morte não se fez esperar: *O rei dos judeus!* Jesus foi condenado como um guerrilheiro, como um revolucionário que atentava contra a pre-

sença do império romano na Palestina.

Esperando contra toda esperança

É inconcebível que a atitude não violenta e benfeitora de Jesus provocasse uma reação tão imediata e tão exasperada. Em menos de três anos de vida pública chegou a tornar-se insuportável para as estruturas que nós homens dirigimos. Porém, é também dificilmente explicável o contraste que sua morte nos apresenta.

Jesus não quer ser julgado por ninguém neste mundo; sua pretensão leva-o a colocar-se sobre as nuvens e a converter-se em juiz de todos os homens. Não por arrogância, mas a bem da verdade; não para sujeitar, mas para libertar. Mas, à medida em que seus gestos proclamam esta faceta com mais energia, os homens vão minando mais profundamente sua resistência humana. Todos o entregam: Judas aos judeus, os judeus aos romanos, os romanos à morte. Jesus vai ficando terrivelmente sozinho. “Sua casa”, isto é, a comunidade dos que escutavam a sua Palavra, está desmoronando; sua Palavra está caindo no esquecimento. O remate desta situação é provocado pela tremenda experiência de abandono de Deus, que o obriga a gritar muito alto: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc 15,34). Jesus sente-se diante de Deus, embora não o veja nem o perceba. Sua esperança é tentada até sua raiz, até o mais íntimo.

A morte de Jesus comove a partir de qualquer ponto de vista que se adote para contemplá-la. Não é uma morte serena; não apresenta traços de arrogância heróica, nem de estóica aceitação do destino, tampouco de fanático entusiasmo. É a morte dum homem que humilharam até o máximo. É a reação mais violenta contra o Reino de Deus. •

(José Cristo Rey García Paredes é sacerdote claretiano, professor de teologia e diretor da revista “Vida Religiosa” em Madri).

A morte de Jesus ou o atentado contra o reino

José Cristo Rey Garcia Paredes

A morte de Jesus comove a partir de qualquer ponto de vista que se adote para contemplá-la. Não é uma morte serena; não apresenta traços de arrogância heróica, nem de estóica aceitação do destino, tampouco de fanático entusiasmo. É a morte dum homem que humilharam até o máximo. É a reação mais violenta contra o Reino de Deus.



Estamos acostumados a contemplar a morte de Jesus com a normalidade que nos é imposta pela referência constante que a ela fazem a liturgia e a pregação da Igreja. Tudo muda, porém, de sentido quando se analisam friamente os fatos que ensejaram aquele acontecimento, quando se considera que Jesus foi executado e morreu com uma morte desola-

dora. Estes dados não explicam o sentido do acontecimento em sua totalidade (será motivo de outra reflexão), mas nos colocam num lugar privilegiado para compreendê-lo.

Com a morte dum escravo e dum rebelde

A cruz em que Jesus morreu era o maior sinal de desonra para

um homem livre e pacífico. Era uma versão cruel de nossas atuais câmaras de gás, de nossa guilhotina, de nossa força ou de nossos fuzilamentos. Na cruz morriam os escravos que o direito romano punia por fuga e os rebeldes ou revolucionários políticos que tentavam contra a segurança e estabilidade do império romano. Os delitos comuns eram castigados com outras penas menos cruéis. A cruz era reservada para os delitos mais graves, para os delitos de Estado. O espetáculo de 7.000 escravos crucificados na Via Ápia na insurreição de Espártaco, ou de muitos guerrilheiros, cujas rebeliões tinham fracassado, pode fazer-nos compreender qual foi o grupo de homens com que Jesus solidarizou-se com sua morte na cruz.

Cícero descreveu esta morte como “o mais bárbaro e terrível castigo”. Os preâmbulos deste suplício começavam com uma flagelação impiedosa do condenado. Depois disso, ele carregava aos ombros o travessão da cruz. No local da execução, era desnudado e pregado na cruz, a qual era composta do travessão e da parte vertical; tinha o formato dum “T”. O crucificado era elevado dois ou

QUEM TEM MEDO DA GUERRA DOS OUTROS

José Fernandes de Oliveira

Não temos tanta razão de orgulho em não fazermos guerra contra nenhum povo, pois somos um dos povos que mais lucram com a venda de armas.

Não matamos outros povos, mas ajudamos outros povos a se matarem com armas e preços competitivos.

O quadro das despesas militares no pequeno planeta terra é um dos mais sombrios de todos os quadros que se possa imaginar. É que seu pano de fundo é a guerra da qual todos os povos têm medo e para a qual todos eles se preparam gastando em geral mais do que possuem, com prejuízos evidentes para a população que continua precisando de tudo para viver com dignidade.

Alguns países gastam mais de 20% de seu orçamento com o exército, com novas armas e com pesquisas em armamentos. Entre eles estão Oman, os Emirados Árabes e Israel. Entre os que gastam de 10 a 20% pelo que se pode saber estão a Rússia, a Síria, o Irã e o Iraque, a Arábia Saudita, o Egito, a Bulgária e a Albânia.

Os que gastam perto de 10% seriam a China, os EE.UU., a Mauritânia, o Laos, Cuba, Perú, a África do Sul, o Pasquitão, a Turquia, a Somália, a Checoslováquia, a Polônia, a Hungria e

outros.

O Brasil gasta menos de 2,5% e há quem sustente que não chega a 1,5%, mas como nos demais países do Cone Sul, há indícios de maiores despesas à vista.

Está claro que poderíamos apontar para outros países e dizer muitas verdades que certamente nos inocentariam no confronto com outras nações mais belicosas do que a nossa. Estamos no fim da lista tanto no que tange aos gastos com armamentos quanto no que tange a uso deles contra outros povos.

Mas não teríamos tanta razão de orgulho se considerássemos que o Brasil que não faz guerra contra povo nenhum é um dos que mais lucram com a venda de armas. Não matamos outros povos, mas ajudamos outros povos a se matarem com armas e preços competitivos. Dominamos, portanto a arte de fazer guerra, embora não a façamos. Ganhamos dinheiro com isso, e muito dinhei-

ro, mas é triste pensar que o que o brasileiro gasta em petróleo, adubo para alimentação e quem sabe, cultura, é ganho em parte com a guerra que seus tanques e suas munições ajudam a fazer em algum lugar do mundo.

Ninguém pode negar que os EE.UU., a França, a Rússia, a Inglaterra e outros povos têm mais culpa no cartório da História. E não resta dúvida que países como EE.UU., Rússia, Inglaterra, França e Cuba têm militares ajudando e ensinando a fazer guerra por todo o mundo. Só a pequena Cuba de Fidel estava até recentemente em mais de 20 países, a maioria deles na África. Podemos supor que outros povos mais poderosos façam bem mais.

E é assim que, num país que faz guerra; e quando não faz ajuda a fazer; e, quando não guerreia nem manda soldados, vende armas ou as troca por petróleo, enfrentamos uma terrível verdade: já não existe guerra dos outros. A maioria das nações, por medo da guerra em seu território, ajuda a fazer a guerra no território dos outros. É trágico, mas é verdade: muitos povos estão ricos porque souberam negociar com os recursos dos outros e com as guerras dos outros.

É um mundo extremamente cruel este que gasta muito mais em novas armas do que em novas fontes de alimentação. É um mundo cruel este que depois de milhões de anos conseguiu morar no espaço e, vinte e poucos anos depois haver chegado lá em cima já começou a se preparar para uma guerra nas estrelas.

O mundo neuroticamente ama a guerra, adora matar inimigos e tem um medo incrível de precisar combater no próprio solo. Se Russos e Americanos perguntassem porque Freud talvez explicasse... O que não tem explicação é o que se gasta com a morte comparado ao que se poupa com a vida. Perguntem ao Inamps... •

PÁSCOA EM ORAÇÃO

André Carbonera

Que a Páscoa seja nossa ALEGRIA,
como foi a alegria de vossa Mãe, a alegria
de vossos discípulos, a vossa alegria!

Meu querido Jesus,
Vós sofrestes horrores, inclusive, morrestes
por mim e por nós. Mas, ao terceiro dia, Vós
ressuscitastes. Beleza!
Muito, muito obrigado, Jesus, por vossa
RESSURREIÇÃO!
E Ressurreição, Salvador, não é mudança, não é
passagem, não é PÁSCOA?
Precisamos de mais PÁSCOAS, BOM JESUS...
Páscoa para o jovem viciado.
Páscoa para o jovem perdido.
Páscoa para a criança esfomeada.
Páscoa para a criança abandonada.
Páscoa para a criança doente.
Páscoa para a criança "assassinada".
Páscoa para a criança e a moça estupradas.
Páscoa para os filhos rejeitados.
Páscoa, Senhor, para os casais desunidos.
Páscoa, Senhor, para os casais desquitados
e divorciados.
Páscoa, Senhor, para os pais desesperados.
Páscoa, Senhor, para os pais desempregados.
Páscoa, Senhor, para as famílias sem teto, sem
emprego, sem roupas, sem comida, sem escola.
Páscoa, Senhor, para as mães solteiras.
Páscoa, Senhor, para as prostitutas.
Páscoa, Senhor, para os travestis e os gueis.
Páscoa, Senhor, para os ladrões.
Páscoa, Senhor, para os assassinos e os bandidos.
Páscoa, Senhor, para os traficantes.
Páscoa, Bom Jesus, para os marginalizados.
Páscoa, Bom Jesus, para os favelados.
Páscoa, Bom Jesus, para os ateus e à-toas.
Páscoa, Bom Jesus, para os orgulhosos.
Páscoa, Bom Jesus, para os cientistas, escritores,
jornalistas e radialistas e sábios.
Páscoa, Bom Jesus, para os motoristas, jogadores,
pilotos e professores.
Páscoa, Bom Jesus, para os advogados, médicos,
engenheiros, arquitetos, comerciantes, empresários,
liberais.
Páscoa, Bom Jesus, para todos os empregados e
para todos os patrões.

Páscoa, Bom Jesus, para os políticos e os militares.
Páscoa para os agricultores.
Páscoa para os "sem-terra".
Páscoa para os índios.
Páscoa para os "sem-pão".
Páscoa para os países em guerra.
Páscoa para as nações em paz.
Páscoa, Divino Salvador, para os cristãos,
os Padres, os Bispos, os Religiosos, os Chefes
de igrejas, os Pastores, o Papa.
Páscoa, Divino Salvador, para os desanimados.
Páscoa, Divino Salvador, para os tristes.
Páscoa, Divino Salvador, para os alegres.
Páscoa, Divino Salvador, para os otimistas e
os pessimistas.
Páscoa, Divino Salvador, para os prisioneiros
e para os livres.
Páscoa, Divino Salvador, para os sábios
e os ignorantes.
Páscoa, Divino Salvador, para a família.
Páscoa, Divino Salvador, para os que rezam
e para os que não oram.
Páscoa, Jesus, para os outros e para mim.
Páscoa, Jesus, para todos.
Sim, Bom Jesus, todos nós necessitamos mudar
alguma coisa, sobretudo, espiritualmente.
Bom Jesus Ressuscitado, transformai nossas vidas!
Bom Jesus Ressuscitado, convertei-nos!
Bom Jesus Ressuscitado, que haja PÁSCOA em
nossa fé, em nossa crença, em nossa esperança, no
amor!
Jesus Ressuscitado, que a Páscoa seja nossa
ALEGRIA, como foi a alegria de vossa Mãe,
a alegria de vossos Discípulos, a Vossa alegria!
Jesus Ressuscitado, uma Páscoa renovadora para
todos nós!
Parabéns, Bom Jesus, o Salvador!
Parabéns, Mãe de Jesus!
Cumprimentos, HOMENS salvos pela morte e pela
ressurreição do Mestre!
Um abraço, Divino Salvador!
Feliz Páscoa!
Amém!

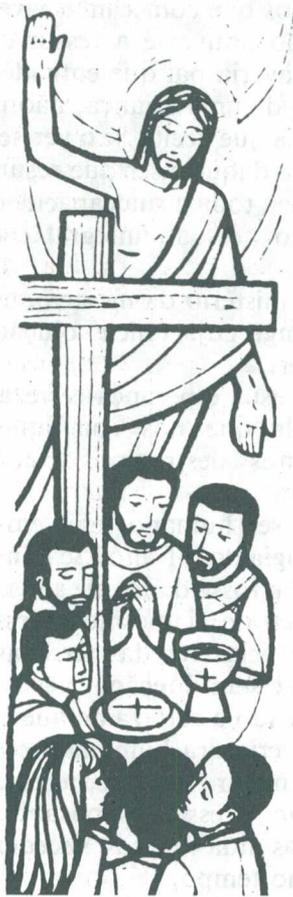
Páscoa da Nova Aliança

José Geraldo Vidigal de Carvalho

Se Cristo não ressuscitou carece de fundamento a Nova Aliança.

Cristo foi explícito no Cenáculo: "Este cálice é a nova aliança no meu sangue" (Lc 22,20; 1 Cor 11,25). Aí uma metamorfose completa quiddiativa do novo pacto. Não mais o que estava simbolizado nos antigos sacrifícios (Êxodo 24,8). Uma novidade, portanto: o próprio sangue divino sela um contrato eterno, inegociável, imutável, que permanecerá perenemente inalterado. Agora existe uma vinculação realmente estável e uma comunidade duradoura (Heb 9,11-20; 10,1-18). Doravante a divindade e toda a humanidade estariam em permanente estado de aliança. Nova situação aprofundada por Isaías ao mostrar o Servo de Javé sofredor e mediador deste outro contrato (42,6s; 49,6-53). Este tem caráter universal pois abrangerá todos os homens (55,3-5; 49,6). Jeremias, Ezequiel e Isaías salientaram o papel do Messias neste restabelecimento do acordo entre Deus e os homens. Haspecker resume deste modo a mensagem do Novo Testamento sobre o ajuste com Deus: "Em Cristo, Deus realizou, com a humanidade, a nova aliança de graça prometida pelos profetas, aliança que abroga o pacto do Sinai, mas que cumpre positiva e perfeitamente as promessas de salvação feitas nas alianças do Antigo Testamento". *Experts* que abordam este tema da aliança patenteiam que São Paulo acentua a idéia de que a antiga aliança limitava a Israel as promessas divinas. Cristo, porém, o verdadeiro Pon-

tífice entre Deus e os homens, fez também os gentios partícipes dos direitos de seu povo (Ef 2,12-18; Rom 11,25s). Trata-se da salvação universal do Redentor. Além disto na Nova Aliança surge uma outra criatura inteiramente renovada. A definitiva aliança pactuada pelo Messias outorgou à humanidade favores muito mais excelentes que os dons perdidos no Éden (1 Cor 11,25; Rom 5,14-20). A carta aos hebreus revela que por Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote, está garantido definitivamente o acesso a



Deus (Heb 10,1-22). O grande objetivo é a salvação eterna fruto opimo do novo trato firmado pelo Filho de Deus. No Apocalipse São João descreveu o que se dará no fim dos tempos: "Então abriu-se no céu o templo de Deus e apareceu a arca de seu testamento no seu templo, e sobrevieram relâmpagos, e vozes, e um terremoto, e uma grande chuva de pedras" (11,19). Esta visão escatológica ostenta o importante simbolismo dos objetos sagrados na economia do pacto divino.

É dentro desta realidade tão profunda que se insere o mistério pascal, pois se Cristo não ressuscitou carece de fundamento a Nova Aliança.

Na Páscoa fulge assim a bondade de Deus para com os homens, aos quais Ele ama e quer bem e para os quais elabora um projeto excelso de salvação repleto de conotações afetivas. Eis o fio condutor de tudo o que o Criador realiza. A obra salvífica do Redentor que selou com seu sangue o novo testamento, proclama as grandes gestas com as quais Deus quis libertar o homem do cativeiro do pecado ao estabelecer a economia da salvação. Mostram a dignidade excelsa do cristão.

Aí está a razão do alerta de São Paulo: "Se ressuscitastes com Cristo buscai as coisas que são lá de cima, onde Cristo está sentado à destra de Deus; afeiçoi-vos às coisas que são lá de cima, não às que estão sobre a terra".

Pelo batismo foi sepultado o homem velho e ressurgiu a nova criatura.

Eis por que é no mistério pascal que se intersere a vida cristã. •

Ressurreição

José Wanderley Dias

A Ressurreição é a inserção do finito no Infinito; devolveu ao homem a imortalidade perdida. Os dois milagres se completam; um não existiria sem o outro!

Senhor:
Ao render-Te louvor, no dia em que ressurgiste dos mortos, vimos também agradecer-Te, na fragilidade de nossos pobres agradecimentos, mas igualmente na certeza de que sabias que, de nós, poderias receber nada mais que esse tão pouco, esse nada que somos.

Nada poderia ser dado, ao homem, de mais alto, que a certeza de que a morte não é o fim.

Se tudo tivéssemos, e não continuássemos depois de fechados definitivamente os olhos terrenos, nada teríamos realmente tido e, quanto mais tivesse sido aparentemente o que fosse de nossa propriedade, maior seria a nossa perda na passagem para o outro lado da rua da vida.

Reedificado o templo de Deus em três dias, asseguraste-nos de que, na realidade, a vida não nos é tirada, mas mudada.

É por isso que não há dores definitivas, lágrimas irremediáveis, adeuses sem esperança.

Para cada um de nós, a Tua mensagem universal tem reflexos e conotações pessoais.

Como a tem para Afonso, aflito, magoado, dolorido com a perda de sua esposa e companheira de sessenta anos de matrimônio.

No túnel da treva da solidão ele vê uma luz: sabe que ela não morreu de todo, que o espera para retomarem a jornada aparentemente interrompida, para um

reencontro que virá a seu tempo, e que continuará sem contagem de anos ou de milênios, mas que se definirá pelo sempre, que o amor só pode ter essa dimensão e essa tradução.

Como a tem para os pais do garoto que, no esplendor de seus quinze anos, caiu no começo de uma curta jornada, parando o jovem e esperançoso coração em que só havia ternura, poesia, imaginação, tudo aquilo que floresce nos meninos que começam a viver.

Não houvesse a ressurreição, não haveria pai que entendesse a morte de uma criança, não haveria mãe que aceitasse o ver-se despojada daquele ser que resumia e traduzia toda a sua capacidade de doação pessoal, integral e completa.

O mistério da morte é, assim, a esfinge cuja única solução é o reviver.

É esta esperança-certeza que impede que nos coisifiquemos, que nos destruamos psicologicamente.

O ser humano tem, em si, a nostalgia do infinito. Se o infinito não lhe fosse dado, ele seria triste sombra de si mesmo, perambulando pelas veredas terrenas sem rumo e sem direção.

Tendo a certeza de que é eterna, a criatura humana mede, ou tenta medir, o que representa esse prêmio e essa responsabilidade, que às duas coisas sucedem ao mesmo tempo.

É o além do além, é a bem-aventurança que explica o que não tem explicação porque lá todas as injustiças se repararão, todas as lágrimas serão confortadas, todos os porquês serão respondidos.

A encarnação de Deus, fazendo-O humano, permitiu que ele morresse a fim de que o homem revivesse; assim foi a inserção do Infinito no finito.

A Ressurreição é a inserção do finito no Infinito; devolveu ao homem a imortalidade perdida. Os dois milagres se completam; um não existiria sem o outro.

Vivemos para sempre. Isso nos leva a medirmos melhor nossa vida terrestre, aparentemente passageira, porque se interliga à eterna e definitiva, que é sua continuação. Tal a vida com morte, tal será a vida sem morte, isto entendido nos seus verdadeiros termos.

É de nossos gestos que será feita nossa eternidade. Tua Ressurreição nos ensina isto.

Por isto, para que ressurgamos, é necessário que também, no que nos caiba, comuniquemos e transmitamos ressurreição, ressurgimento.

No que fizermos para levantarmos os caídos; para fazermos subirmos os que não têm forças para fazê-lo por si sós; para darmos esperança e fé; para mantermos, no coração do homem, a flama do amanhã sem fim; na sede que abrandarmos, na fome que aplacarmos.

Estas são algumas formas da ressurreição humana, nas quais se inclui o ensinar, o dar exemplo, o reconhecer as faltas, tudo aquilo que reconcilia o homem com sua missão e sua escolha.

O que fizermos humanamente ganha, pela ressurreição, o reflexo permanente, sem fim.

Bendito, pois, sejas Tu, Senhor, Ressurrecto e Redivivo, e que só nós, por concessão e exigência Tua, podemos manter presente, para que a morte realmente não exista, e tudo seja a vida sem fim que nos deste... •

- Aquil respondemos às perguntas sobre a vida cristã, a história, as leis e os costumes da Igreja, a moral e a teologia, a Sagrada Escritura e a liturgia.
- Assuntos mais delicados e pessoais são respondidos por carta. Neste caso, é favor enviar selos para a resposta.
- Correspondência para: Equipe Consultório Popular — Cx. Postal 153 — CEP 80.000 Curitiba - PR

1.992

PURGATÓRIO

1. *O que é o Purgatório na Bíblia?*

Qual a definição atual?

(I. F. — Pelotas, RS).

— “Segundo a doutrina católica, é o lugar onde os justos que não partiram deste mundo inteiramente livres de culpa (pecados veniais), expiam sua culpa depois da morte, antes de serem admitidos à visão beatífica.

No Antigo Testamento, acha-se a passagem clássica de 2Mac 12,40-46. Depois da luta de Judas sobre Górgias, entre os judeus mortos se acharam amuletos de que haviam se apoderado por superstição ou por cobiça no ataque à cidade de Yamnia. A Lei proibia todo amuleto e a morte daqueles homens foi considerada pelos sobreviventes como castigo pela transgressão à Lei. Mas como morreram lutando por Javé e no sentir de Judas, haviam de receber uma magnífica recompensa na ressurreição escatológica, o mesmo Judas organizou uma coleta e enviou a quantia recolhida à Jerusalém onde foi oferecido um sacrifício em favor deles. Até aqui, no AT não se tinha falado de purgatório. Mas sabe-se que os judeus acreditavam que a oração dos vivos podia ajudar os mortos a alcançarem a salvação.

No Novo Testamento, se alega Mt 12,32; Mc 3,29 e 1Cor 3,10-15. S. Paulo escreve aos pregadores que no dia do Juízo final, terá que passar pela prova do fogo do tribunal divino. Passará por um fogo purificador — ainda que não se fale nem do lugar nem da natureza do Purgatório. Paulo reconhece, não obstante, a possibilidade de que depois da morte, se possa expiar uma imperfeição ocasional no trabalho do pregador do Evangelho”.

(in. *Diccionario de la Biblia* — Herder - Barcelona).

(Luiz C. Botteon, cmf)

1.993

CÂNON

2. *Uma explicação do que é Cânon.*

(I. F. — Pelotas, RS).

— Etimologicamente significa cana — bastão reto e longo, com o tempo na antigüidade passou a designar medida, régua, e daí passou a significar também: regra, modelo.

Nos escritores eclesiásticos o termo cânon conservou o sentido de norma, regra, e foi utilizado em conexão com a fé e os costumes sobretudo a propósito da Sagrada Escritura, considerada como regra absoluta de fé e de vida”. A expressão “cânon bíblico” designa, desde o século II, o catálogo oficial dos livros inspirados, os quais por sua origem divina constituem a norma de fé e dos costumes.

Sendo assim um livro inspirado e canônico na Sagrada Escritura é o livro que tem Deus por autor principal e por isso é verdadeiro e a Igreja oficialmente reconheceu como tal e apresentou aos fiéis.

Deus inspirou homens para escrever sua mensagem salvífica que foram recolhidos no texto da Bíblia e sua canonicidade depende diretamente da autoridade da Igreja para comprovar a inspiração do livro. Para tanto ela usou de sua tradição apostólica que se manifestou desde o início da Igreja por várias formas concretas: testemunhos dos Santos Padres e dos escritos eclesiais, trechos do AT e NT como sendo Palavra de Deus, decisões dos sínodos e leituras litúrgicas.

Em resumo Cânon bíblico é o conjunto de livros sagrados que formam a atual Bíblia Sagrada que utilizamos para o nosso crescimento na vida cristã e de santidade.

(in. *Introdução Geral À Bíblia*, vol. 1, Vozes, 1968).

(Luiz C. Botteon, cmf)

1.994

LIVROS DE ESTER E DANIEL

3. *Quais são os capítulos e versículos dos livros de Ester e Daniel que os protestantes não aceitam? Por que?*

(I. F. — Pelotas, RS).

— Temos, antes de mais nada que entender a divisão dos livros da Sagrada Escritura quanto à inspiração:

— Protocanônicos: aqueles livros que desde o início foram reconhecidos pela Igreja universal como inspirados, sem que jamais tenha havido qualquer incerteza.

— Deuterocanônicos: aqueles livros reconhecidos como inspirados por parte da Igreja universal, em vista de dúvidas, surgidas em algumas igrejas particulares, com restrições quanto à sua canonicidade. Aqui entram trechos dos livros de Est 10,4-16, 24 e Dan 3,24-90; 13,14 — que na maioria das bíblias aparecem com tipos diferentes. Sendo assim a Igreja Protestante não aceita estes trechos como canônicos e inspirados e por isso não são colocados em suas edições da Sagrada Escritura. Isto porque eles não são encontrados nos originais hebraicos (língua em que foram escritos os livros do AT). São encontrados apenas na tradução da bíblia para o grego, conhecida como dos Setenta (segundo a tradição teriam sido 70 sábios que a traduziram para o grego). A Igreja católica reconhece estes trechos baseada em inúmeros textos da antigüidade e dos Santos Padres, através de citações de inúmeros escritos. Enquanto que, os protestantes e judeus, não admitem estas provas e reconhecem apenas os textos bíblicos que se encontram nos originais hebraicos.

(in. *Introdução Geral à Bíblia*, vol. 1, Vozes, 1968).

(Luiz C. Botteon, cmf)

nativos, do Regional Nordeste II, da CNBB, tem como finalidade capacitar agricultores para uma melhor utilização da terra, da água e para a criação de pequenos animais, como: cabras, peixes, patos, galinhas, abelhas. O CECAPAS tem como preocupação fundamental o conteúdo sócio-político e Evangelizador dos projetos. Estes projetos, segundo seus assessores, querem ser um sinal de que é possível viver e construir uma sociedade nova, solidária e fraterna. Três são as frentes de ação do CECAPAS: a) treinamento racionalizado do manejo da terra e da água e de pequenos animais; b) estágios de agricultores e técnicos no próprio CECAPAS, e em seus núcleos de extensão; c) implantação e acompanhamento de Núcleos de Extensão nas dioceses. Nessas frentes de funcionamento desenvolvem-se, como linhas de ação, a difusão de tecnologias adaptadas à região, tecnologias naturais, bio-orgânicas, respeitando a ecologia, não utilizando adubos químicos e agrotóxicos e utilizando o adubo orgânico, biodigestores, defensivos naturais e energia alternativa. Para participar dos treinamentos o candidato deve ser indicado pela comunidade e comprometer-se a desenvolver e partilhar a aprendizagem com a comunidade. A comunidade, por sua vez, deve responsabilizar-se pela família e os negócios do candidato durante seu treinamento e enviar alguma contribuição, dentro do possível, para a manutenção do centro. A Equipe Técnica do CECAPAS é integrada por jovens técnicos brasileiros e estrangeiros com conhecimentos agropecuários e pedagógicos. Alguns alunos do CECAPAS já estão integrados na Equipe Técnica.

Projetos alternativos: escola agrícola

Salvador (CIC) — O Regional Nordeste II da CNBB

está desenvolvendo já há anos os chamados projetos alternativos, que têm como objetivo divulgar experiências de tecnologias alternativas que venham promover o homem do campo. Um destes projetos é a experiência da Escola Família Agrícola (EFA), desenvolvida desde 1979 no interior da Bahia pela Associação das Escolas das Comunidades e Famílias Agrícolas da Bahia (AECOFABA). A EFA é uma experiência de formação e capacitação de filhos de agricultores, com o objetivo de promover o homem do campo, diminuir o êxodo rural, despertar no agricultor o seu valor, possibilitar aos jovens se tornarem agentes de transformação em seu próprio meio. O trabalho na EFA se desenvolve de forma alternada: os alunos passam 15 dias em casa pesquisando, observando o trabalho da comunidade e depois 15 dias na escola onde trocam experiências, têm aulas teóricas e práticas e fazem visitas de estudo. Neste método empregado pela EFA, o importante é o aprendizado da experiência. Os professores da escola na verdade são mais animadores; todos são ex-alunos da EFA. No início de cada ano os professores passam juntos um mês em aprofundamentos para o trabalho.

Situação agrária do Estado de São Paulo

São Paulo (CIC) — O movimento dos trabalhadores Sem-Terra fez um levantamento da situação fundiária de São Paulo. O levantamento chegou às seguintes constatações: 1) Existem em São Paulo mais de 5 milhões de hectares de terra que não estão sendo aproveitados, mas que estão na mão de latifundiários; 2) dois milhões de trabalhadores foram expulsos nos últimos dez anos, indo engrossar o número de subempregados e desempregados das cidades; 3) os dados mostram que apenas 35 latifundiários têm 900 mil hectares, sendo que três deles têm mais de 100 mil cada um;

4) muitos trabalhadores continuam sendo expulsos da terra e muitos são vítimas de conflitos e perseguições; 5) falta alimentação para o povo, as grandes propriedades só produzem para a exportação e as pequenas, que abastecem a população, estão diminuindo. No final diz o comunicado: "Este quadro nos mostra que a realidade agrária de São Paulo apresenta sérios defeitos, que precisam ser sanados através da implantação da Reforma Agrária".

Experiência de trabalhos com "Meninos de Rua"

Teresina (CIC) — A Comissão de Voluntários Pró-Meninos de Rua, de Teresina, Piauí, está desenvolvendo junto aos menores carregadores de cestas e vigilantes do CEASA, uma série de reuniões, que incluem suas famílias, para conseguirem melhores condições de trabalho. A Comissão promove, ainda, debates, seminários, denúncias através da imprensa local, exposições de fotografias e recortes de jornal para sensibilizar a população e as autoridades para o problema. No momento a comissão está organizando um encontro dos "pequenos trabalhadores" no qual pretende reunir crianças de várias categorias de trabalho, a fim de estimular a organização e a luta que venha trazer benefícios reais aos "meninos da rua".

Campanha do Terço e do Evangelho em família

Tendo como motivação os dois mil anos do nascimento de Maria Santíssima, nasceu uma iniciativa que se pode chamar de "gloriosa". A Campanha do Terço e do Evangelho em família.

Para isso foi impresso um folheto de seis páginas com o título: "O TERÇO COM MEU VIZINHO". Realmen-

te, não consiste na oração individual do terço, mas sim, de sua recitação em grupo.

Reúnem-se duas ou três famílias, revezando a reza do terço, ora numa, ora noutra família, em dia da semana previamente marcado. Depois da reza do terço o chefe ou coordenador do grupo lê um trecho do Evangelho. Esta leitura pode ser também de antemão marcada.

Houve algum tempo em que a reza do terço foi olvidada. Mas hoje existe algumas campanhas intensas no sentido de colocar o terço nas famílias, com o objetivo de unir as mesmas e oferecer ensino para um diálogo positivo. Bem falou o papa João Paulo II, quando de sua visita à Basílica de Aparecida, em julho de 1980: "Oxalá voltasse o costume antigamente tão difundido — e hoje ainda usado em muitas famílias — da reza do terço em família".

— Você, leitor amigo, se quiser participar deste movimento, basta mandar-nos um envelope já selado, com seu endereço, que nós lhe enviaremos o folheto da campanha. Porém, somente enviaremos para reza em grupo e não para uso individual. Mande, pois, o seu nome e o nome de seu vizinho participante.

Endereço:

Frei Pio, S.D.N. — Praça da Matriz, 134 — 36.970 — Manhumirim — MG.

AVISO AOS ASSINANTES

Brevemente o Irmão Joaquim de Castro estará visitando os assinantes das seguintes cidades do Sul de Minas: Carmo da Cachoeira, Três Corações, Campanha, Cambuquira, Lambari, Jesuânia, Conceição do Rio Verde, Caxambú, Bependi, Cruzília, Pouso Alto, São Sebastião do Rio Verde, Itanhandú, Passa Quatro, São Lourenço, Soledade de Minas, Carmo de Minas e Cristina.

Mulheres pastoras

Kopenhagen (CIC) — Cresce cada vez mais o número de mulheres pastoras na Igreja da Dinamarca, a primeira a autorizar o pastoreio às mulheres. Em 1948 havia só três, em 1981 havia 245; no final de 1985 chegavam a 350.

A Igreja no Brasil

Belém (CIC) — A Igreja do Brasil tem 13.135 padres para 132.590.000 brasileiros, com a média de um padre para 10 mil habitantes. Mas na região Sul a proporção é de um sacerdote para 6.100 pessoas, enquanto na região Nordeste é de um para 18 mil.

Cooperação apostólica

Madri (CIC) — A obra de Cooperação Apostólica Seglar Hispano Americana (OSASHA) enviará sete novos missionários, nos primeiros meses de 86, para a Guatemala e República Dominicana. Atualmente tem aumentado muito o número de jovens e de casais decididos a consagrar alguns anos de suas vidas à Evangelização na América Latina.

Mesa redonda sobre a fome

Alemanha (CIC) — Recentemente um Círculo Internacional de alto nível debateu, no Salão Nobre da Emissora Voz da Alemanha, a questão da fome no mundo. Sob o título "Fome e Humanidade" foi analisada a contradição entre a riqueza de poucos e a pobreza de muitos no mundo. No princípio do debate, o superintendente da Deutsche Welle, Klaus Schütz, chocou algumas pessoas com a seguinte afirmação: "O Terceiro Mundo nos alimenta. Não somos nós que alimentamos o Terceiro Mundo". Este fato ainda não bem conscientizado foi demonstrado por Schütz. Justamente durante a semana de combate à fome no Mundo, houve em Colônia, Alemanha,

um encontro no Mercado Internacional da Alimentação. Mais de 5 mil firmas de noventa países concorreram para obter a preferência do consumidor alemão. Ficou claro que a fome não é gerada pela falta de alimento no mundo, mas é causada pela pobreza da falta de dinheiro, da falta de trabalho, e da carência de meios de produção.

Bispo condena fabricação de bombas

Santiago (CIC) — Durante a missa celebrada em intenção aos 29 mortos na explosão de uma fábrica de munições no extremo norte do Chile, o bispo de Iqueque, dom Javier Prado Aranguiz, qualificou de pecado social a fabricação de armamentos no país. No dia 25 de janeiro 1.500 petardos, que fazem parte das chamadas bombas de fragmentação explodiram na fábrica de armamento Cardoen. Depois da primeira explosão seguiram-se outras cinco que provocaram o incêndio na fábrica. De acordo com os números oficiais 5 pessoas morreram, 24 estão desaparecidas e 13 ficaram feridas. Em seu sermão o bispo fez um convite à reflexão sobre a "sofisticação das armas destinadas à morte", dizendo que as bombas que explodiram em Iqueque "são as mesmas que estão produzindo a morte no Irã e no Iraque". Com esta afirmação dom Javier referia-se à chegada misteriosa a Santiago de aviões iraquianos, que estariam levando as bombas da Cardoen para equipar a aviação do Iraque, em conflito com o Irã. Carlos Cardoen, presidente da fábrica retirou-se da celebração juntamente com seus assessores.

Dia Nacional de Luta pela Moradia

São Paulo (CIC) — O dia 25 de fevereiro foi escolhido no ano passado, no V Con-

gresso do Movimento de Defesa dos Favelados (MDF), como Dia Nacional de Luta pela Moradia. Esta data coincide com o aniversário da tragédia de Cubatão, quando mais de 700 pessoas morreram queimadas num incêndio na favela da Vila Socó. O objetivo deste dia é protestar contra a política injusta do Sistema Financeiro de Habitação e exigir do Banco Nacional da Habitação a devolução do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço aos trabalhadores que não tenham casa própria. Neste dia, favelados, cortiçados e moradores de conjuntos pró-morar saem às ruas levantando seu protesto contra a situação precária de suas moradias. Em preparação ao Dia Nacional de Luta pela Moradia foi realizado na Faculdade de Direito de São Paulo, no Largo São Francisco, no dia 3 de fevereiro, um debate com o tema "Favela é moradia?", onde se discutiu a questão do direito à moradia, a política habitacional do BNH e o Sistema Financeiro de Habitação.

Diocese de Assis em festa

No mês de fevereiro p.p. foram ordenados 4 novos sacerdotes na diocese de Assis: Pedrinho Catanelli Junior, Maurílio Alves Rodrigues, Aldivino Evangelista da Silva, Roberto Carlos dos Santos. Que o exemplo desses 4 jovens estimulem a outros jovens a se candidatarem ao sacerdócio e estimule também a Padres, Religiosos e Leigos a trabalharem na Pastoral Vocacional.

Brasileiros e argentinos presos no Paraguai

Assunção (CIC) — Num dos maiores presídios do Paraguai, com 1.500 detentos, desde perigosos criminosos a camponeses analfabetos acusados de pequenos furtos, encontram-se dezenas de brasileiros, argentinos e uruguaios, tran-

cados num calabouço sem janela, acusados de incitamento numa rebelião no último dia 12. Nesta Penitenciária de Tacumbú a situação do prédio é precária e, conforme o jornalista Juan Rocha que visitou o presídio, apenas 120 dos 1.500 detentos receberam uma sentença judicial.

Fundador de seminário desterrado para Sibéria

Leningrado (CIC) — Vladimir Poresch foi desterrado para o campo de concentração de Abagur, na Sibéria. A principal acusação que pesa contra ele é o fato de haver ajudado a fundar o seminário ortodoxo de Leningrado. Já em 1980 Poresch havia sido condenado a 8 anos de prisão em Tchistopol. A nova pena é considerada como uma condenação à morte, já que Poresch está gravemente enfermo e o campo de Abagur é conhecido por suas condições extremamente duras.

Gravações para a CF 86

São Paulo (CIC) — A Verbo Filmes preparou 4 programas gravados em fita cassete sobre o tema "Terra de Deus, Terra de Irmãos" da Campanha da Fraternidade de 1986. Os programas, com 15 minutos de duração cada, são dramatizações e mensagens sobre: terra Urbana, terra Indígena, terra no Campo e terra no Nordeste. A gravação vem acompanhada de um livreto com sugestões para uso em rádios, escolas, grupos, CEBs e paróquias. Maiores informações: Verbo Filmes — Caixa Postal 12605 — 04798 — São Paulo, SP.

Cecapas: sinal de uma nova sociedade

Pesquisa (CIC) — O Centro de Capacitação e Acompanhamento dos Projetos Alter-

SUMÁRIO

- 4 • **A IGREJA NO MUNDO**
Fatos e acontecimentos na vida da Igreja.
- 6 • **CONSULTÓRIO POPULAR**
Questões de fé e de religiãc.
- 7 • **RESSURREIÇÃO**
A retomada da vida divina.
- 8 • **PÁSCOA DA NOVA ALIANÇA**
Páscoa motivo da nossa fé.
- 9 • **PÁSCOA EM ORAÇÃO**
Páscoa, nossa alegria.
- 10 • **QUEM TEM MEDO DA GUERRA DOS OUTROS**
Gasta-se com armas mais do que com alimentos.
- 11 • **A MORTE DE JESUS OU O ATENTADO CONTRA O REINO**
A morte de um homem justo humilhado ao extremo.
- 14 • **"TERRA DE DEUS, TERRA DE IRMÃOS"**
Campanha da Fraternidade - 1986.
- 15 • **"REALIZEM EM SOLO BRASILEIRO O DESÍGNIO DIVINO: TERRA DE DEUS, TERRA DE IRMÃOS"**
Palavra do Papa.
- 16 • **TEORIA E PRÁTICA LIBERTADORAS**
Mensagem de amor, misericórdia, justiça e paz.
- 17 • **TERRA NA TERRA PRÁ QUEM JÁ TEM TERRA NO CÉU**
O justo permanecerá de pé.
- 21 • **TERRA E VIDA**
Terra é garantia para os filhos.
- 22 • **A TEOLOGIA LATINO-AMERICANA (2ª parte).**
Subsídios para reflexões e estudos sobre a teologia.
- 25 • **ETERNAMENTE JOVEM**
Os Valores essenciais jamais caducam.
- 26 • **A TERRA QUE BUSCAMOS**
Justiça, amor e fraternidade para chegarmos ao Céu.
- 27 • **MEU LAR, MINHA ALEGRIA**
Plante sementes de fé.
- 29 • **A RESPEITO DO FILME DE GODARD**
- 31 • **A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA**
- 33 • **CRER E SER**
É preciso conhecer para ajudar.
- 34 • **DOIS RELIGIOSOS DISCUTEM O ALCOOLISMO**
Ninguém tem como ideal o alcoolismo.

FOTO DA CAPA, FOTO E FOTOLITOS:
Gentileza da Editora e
Revista CIDADE NOVA.

EDITORIAL

Da cruz para a vida nova

A quaresma é um tempo forte de preparação para se tomar novos rumos e se viver nova vida com mais entusiasmo, mais esperança e mais alegria. É um tempo de esforço, de renovação para celebrar a Páscoa com mais autenticidade.

Os sacrifícios, a penitência e o jejum que se fazem na quaresma têm sentido na medida em que eles nos ajudam a concretizar o reino de Deus cujo ápice é a Páscoa. Isto significa que a ressurreição de Cristo é o centro de nossa fé. É Jesus Cristo que vence o mal e vence a morte.

O mal, para Cristo, se caracteriza pela maneira egoísta, orgulhosa e auto-suficiente de viver, na desconsideração dos outros, no desinteresse pelo próximo, sem amor.

É da própria natureza humana o viver em comunhão. É assim que Jesus Cristo nos ensina no evangelho. E a morte é (antes do descanso definitivo no campo santo) a permanência no mal.

Hoje a fé cristã é mais solicitada para demonstrar na prática diária a presença do Bem que vence o mal e a morte; no amor não egoísta que partilha com o próximo a vida e os bens necessários para que ela exista condignamente. E para nos manter com os pés no chão, no realismo da vida, lutar pelo Bem supõe enfrentar sacrifícios e cruzes. A história da cruz de Cristo não nos deixa dúvida sobre esta verdade.

Neste número a Revista AVE MARIA reflete sobre alguns aspectos interessantes e que sempre precisamos recordar, do grande mistério que é a morte e a ressurreição de Cristo. Leia: "Ressurreição"; "Páscoa da Nova Aliança"; "Páscoa em Oração" e "A morte de Jesus ou o atentado contra o Reino".

A Páscoa é símbolo e realização da passagem de uma vida enraizada ao egoísmo para uma vida comprometida com o amor e a fraternidade. A Sagrada Escritura descreve a peregrinação do povo de Deus que sai do estado de escravidão no Egito e caminha em direção à terra prometida. Lá, na terra onde corre leite e mel, se constituiria a nova sociedade, onde Deus é o único senhor, o único legislador e o único juiz. É terra de Deus. É terra de irmãos.

Algumas reflexões sobre a campanha da fraternidade nos ajudarão a entender os problemas da terra e com justiça e paz buscar os caminhos novos para a comunidade nova. Leia: "Terra de Deus, terra de irmãos"; "Realizem em solo brasileiro o desígnio divino: terra de Deus, terra de irmãos"; "Terra na terra prá quem já tem terra no céu" e "Terra e vida".

Com o artigo "A Teologia Latino-Americana (2ª parte)" continuamos a apresentar as reflexões de uma teologia que propõe ajudar-nos a transformar o que sabemos teoricamente sobre a fé em vida prática de fé. Em síntese fazer uma passagem, não só do egoísmo para a fraternidade teórica, mas para a prática, na partilha, na misericórdia, com atos e em verdade (Conf. 1Jo 3,17-18).

P.C.G.

am
avemaria

AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda. Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos. Fundada a 28 de maio de 1893. Registrada no S.N.P.I., sob nº 221.689, no S.E.P.J.R., sob nº 50, no R.T.D., sob nº 67, e na DCDP do DFP, nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São

Paulo, Brasil. Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3º e 4º andares. (Tel. (011) 66-2128 e 66-2129) Cx. P. 54.215 (CEP 01.227) - São Paulo, SP.

Composição, Frotolito e Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda, Rua Martim Francisco, 656 - (Vila Buarque - CEP 01.226) - São Paulo. A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da Revista Ave Maria. - A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes que renovam as anuidades a domicílio; nas demais, as renovações de assinatura são feitas por banco e pelo correio. Preços: Número avulso

C>\$ 4,50 - Ass. Anual Cz\$ 45,00 - Ass. de Benfeitor Cz\$ 65,00.

Diretor de Redação: Cláudio Gregianin.

Colaboram neste número: José Wanderley Dias, José Geraldo Vidigal de Carvalho, André Carbonera, José Fernandes de Oliveira, José Cristo Rey Garcia Paredes, José Penalva, Ana Valim, V. J. Berkenbrock, Segundo Galilea, Geraldo Barboza de Carvalho, Isidoro De Nadai, Maria do Carmo Fontenelle, Carlos Antonio Pereira, Mauro Martins AmatuZZi, Donald Lazo.

Frederico Datler.

Arte e Produção: Pedro Ribeiro.

Revisão: Antonio Bonci.

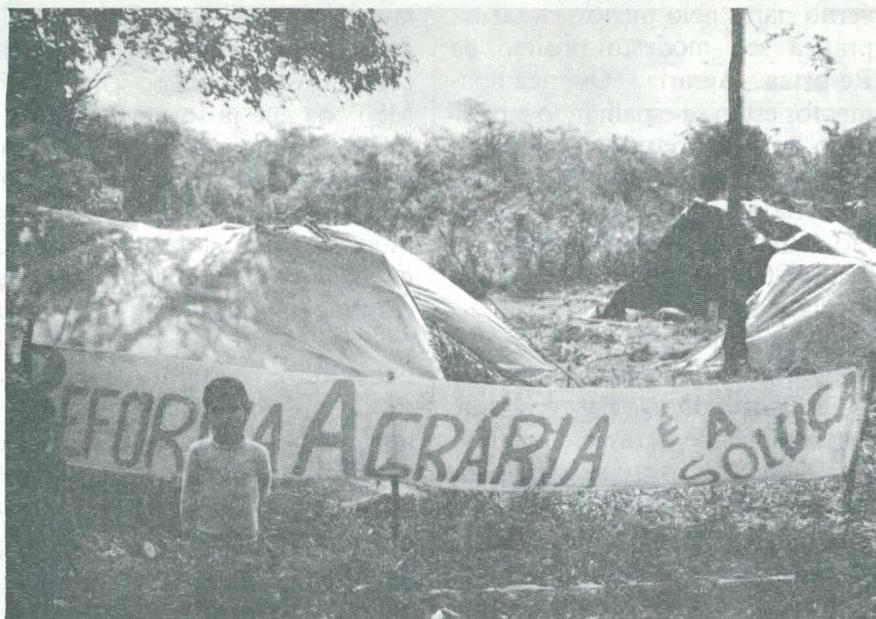
Diretor Administrativo: Sérgio Ibanor Piva.

Circulação e Assinaturas: José Rodrigues de Almeida.

Representantes e Promotores: Geraldo Moreira, Joaquim Dias de Castro, José Montresor.

Publicidade: Cláudio Gregianin.

Editor Responsável: Cláudio Gregianin.



"A Reforma Agrária tem que chegar pra dar terra pra quem não tem".

REFORMA AGRÁRIA SE CONQUISTA

"Nós temos é que se unir, pegar com Deus, porque Ele desmancha os tortos; porque rico é assim, rico é rico enquanto Deus quer. Mas o maior do céu é Deus, porque dá pão a quem tem fome. A Reforma Agrária tem que chegar pra dar terra pra quem não tem. Aqueles que têm muito, chegar e tirar um pouco pra quem não tem: **REPARTIR**" (Miguel, um

bóia-fria da cana no interior de São Paulo).

O sonho do Miguel, aí, exige muita união e esforço dos trabalhadores, porque se depender do Plano Nacional de Reforma Agrária do governo não vai acontecer tão fácil. Só para se ter uma idéia, o PNEA foi alterado e reelaborado dez vezes antes de ser aprovado, lógico, as alterações não beneficiam os trabalhadores rurais. Tipo, preservação dos latifúndios produtivos, independente do seu



Acampados de Cascavel — PR.

tamanho, descaracterização das áreas de conflito como prioritárias para fins de imediata desapropriação, priorização de terras públicas para fins de Reforma Agrária (o que significa dar continuidade aos projetos de colonização, já tão fracassados), estímulo a parceria e arrendamento como formas principais de uso da terra pelos trabalhadores rurais retrocedendo assim mesmo em relação ao Estatuto da Terra, que existe desde 1964 e considera estas formas atrasadas, inclusive o governo Sarney proíbe que os latifúndios que tenham parceiros e arrendatários sejam desapropriados, e finalmente, a centralização do poder de decisão a respeito dos Planos Regionais de Reforma Agrária nas mãos do presidente da República.

"A luta pela Reforma Agrária não é só do trabalhador rural, mas de toda a classe trabalhadora... Sem terra não há democracia" (trabalhador rural acampado na Assembléia Legislativa de São Paulo, dezembro/85).

A modernização do campo, no Brasil, intensificada a partir dos anos 60, e caracterizada, sobretudo, por uma profunda concentração da terra, da renda e dos meios de produção nas mãos de um pequeno grupo de latifundiários, provocou um acelerado êxodo rural, onde milhões de camponeses foram, gradativamente, sendo expulsos de variadas formas de suas terras e rumando aos grandes centros urbanos, ou ainda às grandes propriedades como bóias-frias, submetidos a um vai-vem e a um processo contínuo de desenraizamento.

Porém, à medida que essa classe marginalizada vai tomando consciência vai também intensificando suas lutas e organização na reconquista de seus direitos.

RECONQUISTANDO À TERRA

"Os acampamentos do Brasil são uma força muito grande. Se os

companheiros não desorganizarem os grupos a gente tem condições de fazer a Reforma Agrária dos trabalhadores” (trabalhador sem terra de Sumaré, SP, acampado na Assembléia Legislativa em São Paulo, dezembro/85).

Segundo levantamento feito pelo Movimento dos Sem-Terra, existem, hoje, no Brasil 42 acampamentos, envolvendo 11.655 famílias, num total de aproximadamente 58.275 pessoas. E, de acordo com MST, os acampamentos são uma forma de pressionar o go-

verno para, pelo menos, botar na prática seu modesto projeto de Reforma Agrária. Os acampamentos estão se espalhando em todo o país, sobretudo no Sul, envolvendo cerca de 7 mil famílias e no Estado de São Paulo, onde estão acampadas aproximadamente 2 mil e 200 famílias, exigindo a Reforma Agrária.

De acordo com MST de São Paulo, no ano passado foram travadas várias lutas, na região de Andradina, SP, através de ocupações de terra ociosa e acampamentos, envolvendo 1.119 famílias de

lavradores sem terra. Destes, alguns grupos já obtiveram algumas conquistas, embora segundo o MST, os que já foram assentados estão enfrentando sérias dificuldades em relação à comida, à saúde, porque o governo do Estado não está cumprindo com sua promessa de auxiliar as famílias em suas necessidades básicas até a primeira colheita. Diante disso, conclui-se que a Reforma Agrária não se restringe à simples distribuição de terra, mas exige uma política agrícola voltada para as necessidades dos trabalhadores.

ACAMPAMENTOS DOS SEM-TERRA NO BRASIL

Nome do acampamento	Nº de famílias	Município	Estado	Região
Fazenda Annoni	2.500	Sarandi	RS	Região Sul: 6.878 famílias
S. Miguel d'Oeste	260	S. M. Oeste	SC: 1.050 fam.	
Abelardo Luz	130	A. Luz		
Faxinal dos Guedes	550	F. dos Guedes		
Papanduva	110	Papanduva	PR: 3.328 fam.	
Juvinópolis	60	Cascavel		
Salto Osório	70	Quedas do Iguaçu		
Jaciretan	189	Renascença		
BR-373	485	Marmeleiro		
São Francisco	223	Chopinzinho		
São Pio X	616	Salto do Lontra		
Linha Procópio	189	Mangueirinha		
PR-482	26	Renascença		
Santa Elena	100	Santa Helena		
Cohab	15	Londrina		
S. Miguel do Iguaçu	840	S. M. do Iguaçu		
Vila Goes	400	Cascavel		
Pitanga	115	Pitanga		
Planalto do Sul	435	Teodoro Sampaio	SP: 1.835 fam.	Região Sudeste: 2.645 famílias
Santa Rita	750	Teodoro Sampaio		
Ribeirão Bonito	230	Teodoro Sampaio		
Sumaré III	124	Sumaré		
Três Irmãos III	216	Andradina		
Capão Bonito	30	Capão Bonito		
Botucatu	50	Botucatu		
Iturama	83	Iturama		
Matozinhos	10	Matozinhos		
Guandú	45	Nova Iguaçu		
Paracambi	174	Paracambi	MG: 93 fam.	
Parque Estoril	138	Nova Iguaçu	RJ: 357 fam.	
São Mateus	350	São Mateus	ES: 360 fam.	
Vinhático	10	Montanha		
Mundo Novo	992	Mundo Novo	MS: 1.311 fam.	R. Centro-Oeste: 1.508 famílias
Sete Quedas	144	Sete Quedas		
Naviraí	85	Naviraí		
Sucuriú	90	Paranaíba		
Fazenda Pedregulho	40	Jataí		
Fazenda Moraes	120	Jataí	GO: 197 fam.	
Fazenda Mosquito	37	Goiânia		
N. Senhora da Glória	17	N. Sra. da Glória	SE: 87 fam.	R. NE 624 fam.
Fazenda Barra da Onça	70	Poço Redondo		
Fazenda Capoeira	537	Santa Luzia	MA	

Total de acampamentos: 42
 Total de famílias: 11.655
 Total de pessoas: 58.275 (aproximadamente)

Fonte: Movimento dos Sem-Terra
 Jornal "Sem-Terra"

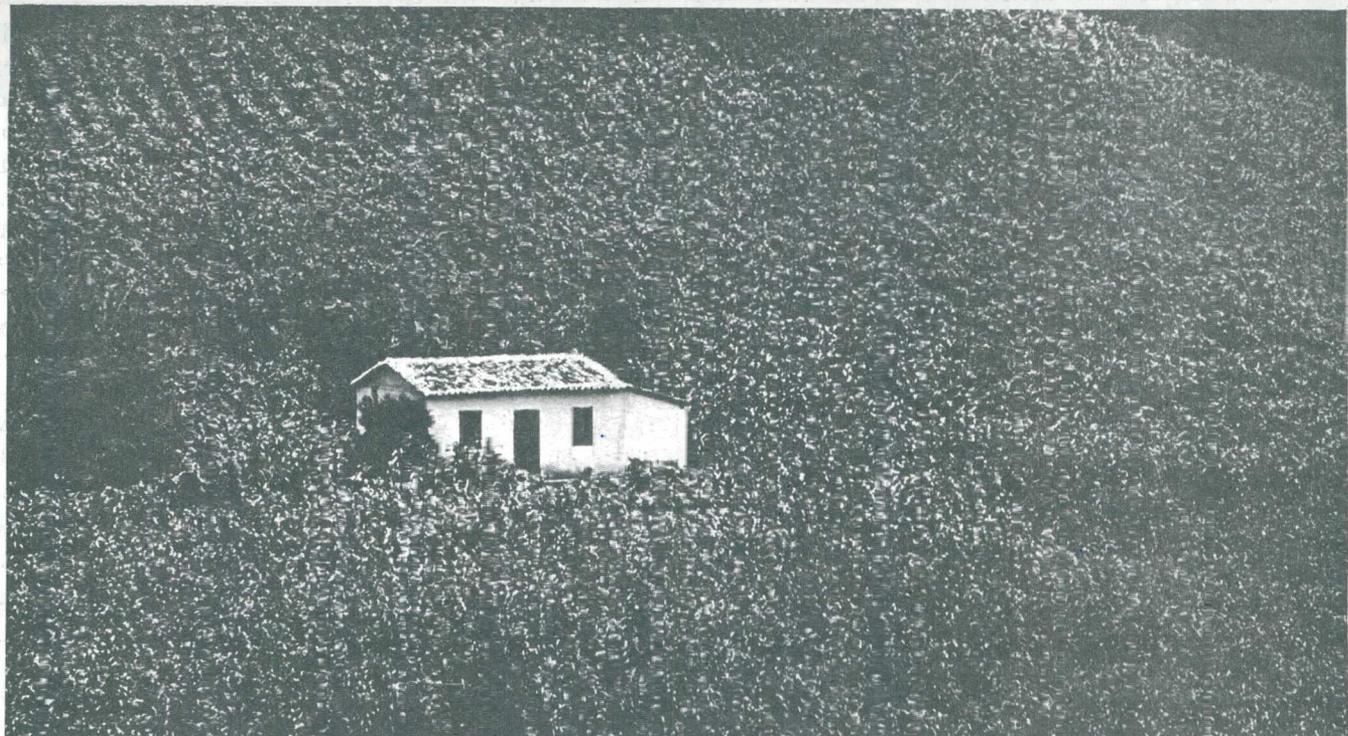


FOTO: FERNANDO G. BARROS

Terra e vida

V. J. Berkenbrock

Lutar por um pedaço de chão não é satisfazer os desejos de posse, mas garantir a vida para si e para os filhos.

“**N**aqueles dias o Senhor estabeleceu uma aliança com Abraão nestes termos: ‘A teus descendentes darei esta terra’”. A partir daí o povo descendente de Abraão começou uma longa luta pela terra. Não para possuí-la simplesmente, mas para poder viver. Possuir uma terra significa a possibilidade de sobrevivência, de descendência, de um futuro seguro para os filhos. Terra não era apenas uma aspiração humana, mas uma promessa divina. E por ser uma promessa divina é que o povo nunca desistiu dessa luta. No fundo é a luta de todo o humano: viver e garantir um futuro aos descendentes. Neste contexto é que se

insere a luta pela terra em nosso país. Lutar por um pedaço de chão não é satisfazer os desejos de posse, mas garantir a vida para si e para os filhos. Portanto, não há nada mais legítimo para quem crê em Deus que a luta pela terra. Não há nada de comunismo e outros ismos nessa luta. Há simplesmente o desejo de todo ser humano, há a vontade de ver cumprida a promessa que Deus fez a Abraão e a todos os seus filhos até os dias de hoje. Conquistar uma terra faz parte do desejo de libertação.

A Campanha da Fraternidade de 1986 fala exatamente da questão da terra. Lembra que a terra é de Deus, e por isso é terra dos ir-

mãos, filhos de Deus, que a devem usar como meio de vida e não como fonte de problemas, de morte, de destruição. A Campanha da Fraternidade se desenvolve durante a quaresma, tempo que nos prepara para celebrar a ressurreição, a libertação de Cristo e a nossa libertação e ressurreição. A Campanha da Fraternidade se insere assim num contexto de libertação, de esforço em seguir o Senhor mais de perto. Segui-lo na morte para chegar a ressurreição. Morrer é também parte dessa caminhada. E muitos já morreram, muitos já deram suas vidas nessa quaresma de luta. Já está na hora de se vislumbrar a ressurreição, a libertação, a vitória na luta. Para os cristãos, que acreditam no Deus da vida, já é tempo de dar um basta ao círculo vicioso da morte, já é tempo do círculo da vida começar a aflorar. E vida nestes termos é a conquista da terra. Terra que já bebeu o sangue de seus mártires e que agora deve desabrochar para a vida. O sangue dos mártires na luta pela terra clama sua razão, clama por uma atitude dos cristãos, clama por uma atitude de justiça, por uma medida que garanta a vida aos seus descendentes (CIC). •

A TEOLOGIA LATINO-AMERICANA (2ª parte)

A Revista Ave Maria continua a apresentar a síntese das palestras de Segundo Galilea, proferidas na VII Semana Teológica realizada no "Studium Theologicum" de Curitiba em novembro de 1985.

INTRODUÇÃO

O tema sobre a teologia da libertação em sentido geral é demasiadamente vasto; por isso a ênfase do que continua exposto é também somente sobre alguns aspectos importantes.

A nossa caminhada latino-americana está marcada por uma teologia pastoral contrastante com a teologia acadêmico-científica. Paulo VI, na "Evangelii Nuntian-di", afirma que "a razão de ser da Igreja é a evangelização". Esta será a tônica latino-americana, ou seja, uma teologia pastoral cuja característica principal seja a evangelização, a missão.

Em número anterior vimos:

Sumário — I) Visão histórica dos últimos 30 anos.

a) 1ª fase: década de 30-40 (período 1935-45).

b) 2ª fase: anos 1945-60.

c) Aspectos negativos.

d) 3ª fase: de 1960 a 1985.

1 — Medellín (1968).

2 — Entre Medellín e Puebla.

3 — Puebla.

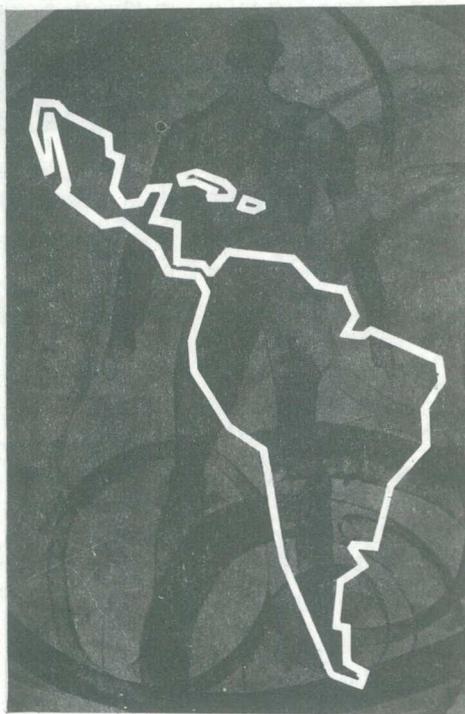
4 — Pós Puebla.

Neste número

Sumário — II) Áreas temáticas da teologia da libertação.

1 — Pontos de consenso da teologia da libertação.

2 — Várias tendências da teologia da libertação.



3 — A instrução de Roma: sobre alguns aspectos da teologia da libertação.

4 — Tematização.

II — ÁREAS TEMÁTICAS DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

Discutir-se-á de maneira objetiva. A teologia da libertação não é perfeita por seu pouco tempo. Atualmente é um tema muito afetivo, o que não é bom para o discernimento pessoal. É importante ter um critério de discernimento a fim de evitar a subjetividade e situar-se na problemática teológi-

co-pastoral com uma sabedoria cristã na obra da evangelização.

Em alguns países é um tema por demais simbólico. E questionar a teologia da libertação não significa ir contra os pobres.

É verdade que há críticas e a sua crítica está baseada em interesses. Estes, porém, não são interlocutores válidos. A partilha válida é a daquele que assume o lugar do pobre com uma mística e o seu objetivo é a evangelização. Este é o critério válido para toda a discussão sobre Teologia da Libertação.

1 — Pontos de consenso da teologia da libertação

O termo "libertação" é palavra profana, cristã e bíblica ao mesmo tempo. O seu significado bíblico eleva o significado humano e opõe-se à escravidão.

Quando se fala que Cristo é libertador quer dizer que ele tem forças para libertar das escravidões do pecado (de suas consequências e manifestações diversas).

As consequências do pecado são diversas. Aqui na América Latina estão marcadas pelas servidões sociais com várias colorações.

Libertar, na América Latina, toma um sentido altamente social, onde em última instância é necessário humanizar o homem servil dentro de uma visão divina. Este é, portanto, o grande desafio da evangelização em nosso continente.

"Não houve na Igreja sempre uma preocupação pela libertação dos pobres"? ou "onde está a originalidade da teologia da libertação?". Esta preocupação sempre esteve patente na Igreja. Acontece que na maioria das vezes as opções sempre foram independentes e desligadas da evangelização. A partir da década de 60, busca-se unir evangelização e justiça em um mesmo projeto de Igreja, caracterizando desta forma a teologia da libertação.

O mérito de Medellín foi o de entrosar na missão própria da

Igreja o engajamento pela humanização de todos, especialmente os pobres e marginalizados.

Medellín, baseado na “*Gaudium et Spes*”, dirá que o mundo dos pobres é muito importante na América Latina e que a causa das injustiças e opressões está no pecado social.

Outro antecedente de Medellín é a Encíclica “*Populorum Progressio*” que questiona enfaticamente as bases do desenvolvimento colocado em termos econômicos. A encíclica insiste, por sua vez, que o desenvolvimento deve ser humanizante e respeitoso pelas culturas.

Um erro latino-americano foi assumir modelos nórdicos que nada têm a ver com a cultura latino-americana (é preciso um grande respeito pela cultura). Paulo VI, exortando sobre o valor da cultura, fala em termos de “desenvolvimento integral”, expressão adotada por Medellín no sentido de libertação.

A palavra libertação já fora utilizada antes de Medellín; aqui ela é cristianizada e fomenta a possibilidade de uma teologia da libertação.

Diante do pluralismo da realidade pastoral não se pode esperar que todos adotem a teologia da libertação, isto é impossível. Está claro aqui o pluralismo da Igreja: nem todos os teólogos serão da libertação e devem ser respeitados no seu pluralismo. O importante é que todos busquem o essencial: justiça, direitos humanos, humanização, solidariedade, fraternidade, etc... Haverá sempre alguns teólogos que seguirão de maneira mais forte a teologia da libertação, mas nunca se pode esquecer que o cristianismo e a evangelização são bem mais amplos e ricos que a teologia da libertação.

2 — Várias tendências da teologia da libertação

1 — No início predominou uma tendência marcada pela libertação sócio-política (normal pela situação política em que se encontravam os países que lideravam a teologia da libertação).

- Preocupação e otimismo exagerados com relação à política e às mudanças estruturais.
- Análise da realidade sócio-política.
- As ideologias tiveram muita importância na reflexão cristã desta época, o que acarretou dois problemas:

a) Identificação, em alguns casos, da teologia da libertação com uma ideologia (era comum se dizer: “ser teólogo da libertação é ser da esquerda”). Mais tarde Puebla irá criticar a identificação da teologia com uma ideologia: como teologia, a teologia da libertação tem que ficar independente, são os cristãos que devem escolher sua linha teológica.

Foi um período muito criativo e de grande reflexão bíblica, mas devido à identificação com uma ideologia, a leitura da Bíblia correu o risco de simplificação e manipulação (forçando a interpretação).

b) Do ponto de vista da análise houve uma atração de alguns teólogos pelo marxismo (chamaríamos de “diálogo da teologia da libertação com o marxismo”), isto porque o marxismo propõe uma libertação, com meios, caminhos e análises. Alguns teólogos da libertação usaram então esta ideologia dentro do tema da libertação.

2 — A teologia da libertação amadureceu muito ao redor e depois de Puebla:

- O aspecto político-ideológico foi relativizado.
- O Marxismo sofreu críticas.
- Reintroduziram-se áreas obscurecidas tais como: o catolicismo popular (que, embora ambíguo, em muitas coisas é semente e anseio de libertação) e a cultu-

ra popular, ambos como elementos de libertação.

- Retoma-se o aspecto espiritual (aparecem muitos escritos de espiritualidade com a temática da libertação).

3 — A instrução de Roma: sobre alguns aspectos da teologia da libertação

Não diz nada de novo sobre a teologia da libertação, o que faz é uma síntese daquilo que havia sido tratado na “*Evangelii Nuntian-di*”, em Puebla e na “*Octogesima Adveniensi*”.

A instrução tem parte de encorajamento e parte de crítica (sobretudo no que se refere aos casos de excesso de ideologias, especialmente marxista).

Por ser um documento doutrinal (e muito doutrinal) se preocupa em colocar os possíveis erros e tendências (por exemplo: quando diz que a teologia esvazia os sacramentos, devemos entender que se a tendência continuar como está, sem correção, há o perigo de se esvaziar os sacramentos).

O documento faz dois questionamentos basicamente válidos (sendo que sua acolhida variou muito de país para país), lembrando que ele não visa os grandes teólogos latino-americanos, mas os “repetidores” que às vezes fazem repetição de forma irresponsável:

1. Quanto à linguagem: muitas vezes os “repetidores” foram um pouco irresponsáveis na maneira de dizer as coisas, esquecendo que o escritor ou o pregador é responsável não só por aquilo que diz, mas também por aquilo que se entende do que ele diz. Com isto o documento questiona o aspecto pedagógico da teologia da libertação.

2. A análise marxista: muitos, hoje, já abandonaram seu uso, mas há ainda alguns que dão exagerado valor a ela sem fazer o discernimento sério e profundo que seu uso exige.

A dificuldade que existe em entrosar marxismo e cristianismo não está na questão religiosa (ela não é o problema central do marxismo). A polêmica reside no conceito desumanizante e insuficiente de pessoa, donde surgem (como consequência) o ateísmo ou o agnosticismo.

Sendo que os cristãos estão buscando critérios para poder discernir entre o que diz a imprensa e o que ouvem sobre teologia da libertação, a instrução da Sagrada Congregação, se bem estudada, irá purificar a teologia da libertação ou, ao menos, relançar o tema.

4 — Tematização

A teologia da libertação não inventou nenhum tema novo. Ela usa os temas clássicos e tradicionais. Sua originalidade está em colocar-se numa perspectiva diferente: a perspectiva do pobre, do marginalizado, e isto vem enriquecer a perspectiva teológica fundamental.

ALGUNS TERMOS

A) POBREZA

A teologia da libertação é estimulada pela situação de pobreza injusta e desumanizante que está em toda parte, mas que é desafiante na América Latina por ser uma cultura cristã numa sociedade anti-cristã.

A pobreza pode ser um valor (quando é por opção) ou um contra-valor (quando desumaniza). Neste último caso ela é um proble-

ma pastoral: é preciso humanizar a pobreza, suprimindo a inumana pobreza.

Austeridade faz parte da libertação cristã; não é mensagem cristã um desenvolvimento econômico sem limites. Sem austeridade não há verdadeira libertação, porque ninguém nunca estará contente uma vez que as necessidades a serem satisfeitas nunca terminam; é preciso (e faz parte da espiritualidade cristã) suprimir as necessidades e não apenas satisfazê-las, unindo desenvolvimento humano e austeridade.

Então o problema combatido pela teologia da libertação é a pobreza imposta que é desumanizante e desumanizadora, sendo que a mesma pobreza, quando voluntária, é libertadora.

O assunto da pobreza requer mudanças sócio-políticas (estruturais) e culturais. A Evangelização não consegue (só muito lentamente) mudar estruturas, mas consegue mudar culturas para melhor.

O problema da pobreza é complexo.

B) LIBERTAÇÃO

A libertação será a humanização social, uma vez que as escravidões na América Latina são sociais. Os pobres e oprimidos são libertados na medida em que crescem como pessoa no contexto social.

O problema da libertação é complexo, supõe uma vivência de austeridade e pobreza evangélica. Parece até paradoxal falarmos de libertação da pobreza inumana, ao mesmo tempo que pregamos a pobreza evangélica.

C) PECADO

É um tema muito vasto e que constitui um dos pontos centrais da teologia de libertação.

Tanto cristãos como não cristãos percebem a situação inumana de pobreza na América Latina. Até aqui se está no nível da sociologia. A reflexão teológica começa quan-

do se percebe que a pobreza não é algo que diz respeito só aos homens (isto pela fé), mas é um problema também de Deus. Deus é violentado quando se faz injustiça ao homem. Aqui reside o pecado: o pecado envolve a pessoa, o outro e, ao mesmo tempo, Deus e, sendo que Deus está envolvido, envolve ao mesmo tempo a evangelização e a Igreja. Daqui a Tradição latino-americana chega à dedução do *Pecado Social*: as situações inumanas coletivas, sendo insulto a Deus, são pecado. Na teologia da libertação o pecado social é tema de grande importância, sabendo que o pecado social está ligado à acumulação de pecados pessoais (a raiz de todo pecado é o pecado pessoal que vai se acumulando em pecado coletivo).

A teologia da libertação não fez ainda uma reflexão aprofundada do que é o pecado social, embora saibamos detectá-lo. Como redimir o pecado social? Enquanto que o pecado pessoal tem resposta fácil, pela conversão, para o pecado social fica mais difícil dizer, uma vez que as sociedades não se convertem, não se batizam. O ensino atual da Igreja parece ser suficiente: é preciso evangelização (pois o pecado social concerne a Deus, e por consequência, à evangelização).

Há na América Latina outros tipos de situações inumanas muito sérias (por isto é muito importante o pluralismo pastoral) que entram em outras camadas da sociedade, tais como: a corrupção moral, do coração, o ódio, que são fontes de desumanização. Jesus se preocupa não só com os pobres, mas com os pecadores, pois neles há uma desumanização séria. (Continua). •

(Segundo Galilea, 57 anos, é sacerdote diocesano em Santiago do Chile; professor de teologia e integrante docente do Instituto de Pastoral do Conselho Episcopal Latino-Americano — CELAM).

ETERNAMENTE JOVEM

Geraldo Barboza de Carvalho

*Os valores essenciais
jamais caducam.
Justiça é sempre
justiça; respeito é
sempre respeito;
democracia é
sempre democracia;
amor é sempre
amor.*

O novo nem sempre está na novidade, nem tudo que é velho pode ser descartado como ultrapassado. Até porque, o novo buscado pode estar justamente no que consideramos sem valor. A juventude da Igreja



pós-conciliar estava escondida no coração de um velho de 80 anos — João XXIII. Olhando bem, a sede de novidades, do progresso sem limites, pode trair a fuga, o medo das exigências do presente, que são as mesmas de sempre. Esse medo comanda nossa sofreguidão por novidades que se acomodem à nossa mediocridade e incapacidade de nos sacrificarmos por coisas que valem a pena. E, desta forma, matamos a pujança de todo idealismo pela ganância do imediatismo sem horizontes. Idealismo nascido da pujança de valores sempre novos e imperecíveis, tais como o amor, o respeito, o pudor, o trabalho, a liberdade, a democracia, o perdão, a justiça, a fé, a esperança.

Sendo assim, o novo que buscamos pode estar bem perto, pode consistir numa renovação, numa descoberta de novas formas dos valores imperecíveis aparecerem. Pois, os valores humanos não se inventam, já os encontramos ao nascermos. Só que devem se adaptar a circunstâncias novas, sem perderem sua vitalidade. Até os valores espirituais, a mensagem crística, evangélica, devem se adaptar ao momento histórico que vivemos, sem perderem sua ligação umbilical com a inspiração divina. Mas adaptar-se não é perder sua essência; adaptar-se à doutrina cristã, à mensagem crística é fazê-la assumir formas aceitáveis para o momento, guardando ela toda sua juventude originária divina. Sem isto, haverá deturpações dos

planos de Deus sobre os homens, como já houve tantas na História da Igreja.

Portanto, não confundir novo com novidade, nem velho com ultrapassado. Pois, novo não é questão de tempo. Tem coisa nova que já nasce velha, e tem coisa velha que é sempre jovem.

As coisas que o tempo não destrói, as coisas perenes, eternas são sempre novas. Mesmo que os homens tentem destruí-las, deturpá-las para mascarar suas exigências, baixadas as máscaras, elas ressuscitarão em pleno vigor. Os direitos humanos, o respeito à vida, o amor filial, as liberdades fundamentais nasceram com o homem e são indestrutíveis.

Negá-los, destruí-los é negar e destruir o próprio homem.

Por isso, a juventude de alguém, sua pujança espiritual se mede pela memória e consciência desses valores imortais incrustados na estrutura mais íntima do ser humano. Uma pessoa, uma cultura, uma sociedade que não respeitam a vida, não respeitam pai e mãe, banalizam o sexo, expondo mulheres nuas em plena via pública e dentro de nossos lares pela TV, privilegiam os desonestos e perseguem os bons, tal pessoa, tal cultura, tal sociedade são envelhecidas, carcomidas, apodrecidas, sob as aparências grandiosas de seus falsos brilhos, de sua falsa juventude. Mas, olhando-se bem, “laranja madura na beira da estrada, tá bichada ou tem marimbondo no pé”. A grande pomposidade é para encobrir a mediocridade da mensagem, o

vazio interior, a falta de vitalidade que nasce da alma. Significa que, renovar não consiste em partir de zero, da criação de valores antes inexistentes; consiste em adaptar valores antigos e sempre atuais às novas situações históricas, às novas conquistas do homem, às novas estruturas sociais. Que o homem conquiste os espaços ou permaneça preso à terra, os direitos humanos fundamentais guardarão sempre intactas suas exigências de concretização. Que o homem atinja os mais altos graus do saber teórico ou os mais fascinantes avanços tecnológicos, permanece sempre vivo, atual, novo e puro o apelo evangélico: "Amar a Deus acima de todas as coisas, amar ao próximo como a si mesmo". Só que esses velhos e sempre atuais valores devem assumir novas formas, sem perderem sua essência. Assim, não podemos confundir a pureza da mensagem e a perenidade dos valores que trazem, com a necessária expressão histórico-social dos mesmos. Esta expressão deve mudar, evoluir, já que ninguém conseguirá realizar em toda plenitude todas as exigências daqueles valores numa única expressão histórica e social. Mas, a cada nova forma de realização dos mesmos, aproximamo-nos mais da forma ideal de expressão requerida por eles. Cada forma nova de realizar os direitos humanos, de viver o amor ao próximo deve tomar o lugar de formas antigas. Essas formas novas surgirão forçadas pela novidade, pela juventude permanente dos valores essenciais, que demandam permanentemente novas formas de manifestação, cada vez mais próximas de seu apelo ideal. Desta forma, quem caducam são as expressões históricas e sociais, são estas que evoluem, cedendo sempre lugar a manifestações novas válidas; os valores essenciais,

fundamentais jamais caducam, são sempre jovens. Justiça é sempre justiça; respeito é sempre respeito; democracia é sempre democracia; amor é sempre amor. Mas, jamais alguém será tão justo, tão respeitoso, tão democrata, tão bom que esgote no decorrer de uma vida todas as exigências desses valores. Mas aí está justamente o belo jogo dialético, a grande tensão entre a realidade do ideal e a realidade do concreto. A juventude de quem ama, tem fé e esperança nasce desse olhar sempre voltado para a contemplação e a

realização sempre inesgotáveis das exigências desses eternos valores. Tanto mais jovens seremos, quanto mais perto estivermos da realização em nossa vida de todas as exigências da fé, do amor e da esperança. Permanece de pé o apelo do Mestre: "Sede perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito". E uma vida inteira não será bastante para atingirmos tal perfeição. Por isso, o desabrochar pleno da vida, a juventude perfeita só será atingida na eternidade, no eternamente jovem.

A TERRA QUE BUSCAMOS

Isidoro de Nadai

Nossas preces e nossas lutas deverão trazer ao coração da terra a justiça, o amor e a fraternidade, só assim chegaremos à Nova Terra, isto é, teremos o Céu.

Buscamos uma nova terra.

É precisamente com o nome de Novos Céus e Nova Terra que Deus caracteriza o Céu que Ele nos promete e que é a meta de todos os nossos sonhos.

E por aí pode-se perceber claramente que o Céu e a terra não são brigados, e que não é negligenciando esta que se vai ao encontro daquele.

Buscar a Nova Terra não é propriamente ir ao enalço de uma realidade que estivesse, pronta, à nossa espera. Buscar a Nova Terra é lutar para que ela desponte, breve, surgindo do seio desta nossa mesma terra que, grávida, "geme, como que em dores de parto, na ânsia de libertação."

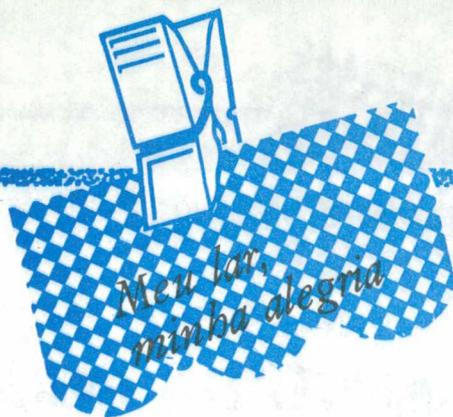
A Nova Terra se encontra em gestação no seio de nossa terra, fecundado pela Ressurreição de Cristo e pela presença do Espírito.

Mas, por ser algo que "os olhos jamais viram, que os ouvidos jamais ouviram e que o coração humano sequer suspeitou", ela só poderá nascer por uma intervenção de Deus.

Não podemos nos esquecer, todavia, que Deus nos quer também participantes do processo de maturação. Nossas preces e nossas lutas deverão trazer ao coração da terra a justiça, o amor, a fraternidade.

Somente quando nossa terra se tiver transformado numa parábola do Reino que é de justiça, de amor e de paz — é que Deus intervirá, assumindo-a, através de Cristo, e dando-lhe o coroamento, a plenitude.

E teremos, então, a Nova Terra. Teremos o Céu!



PLANTE SEMENTES DE FÉ

Maria do Carmo Fontenelle

Aeterna lei de semear e colher veio de Deus. É uma lei da natureza praticada desde o Antigo Testamento, que nunca mudou. Sempre houve o tempo de semear seguido pelo tempo de colher...

A “Semente de Fé” consiste em DAR, seja dinheiro, horas de trabalho ou mesmo ouvir com atenção. Qualquer coisa importante para você, que possa ajudar a uma necessidade do próximo, oferecendo a Deus, com intenção de que Ele ajude numa necessidade sua. No devido tempo, Ele dará a colheita, mesmo que seja preciso realizar um MILAGRE, no que Ele é pródigo!

Se você tiver fé como um grão de mostarda... A semente de mostarda é como uma “SEMENTINHA DE FÉ” plantada e regada com confiança, crescerá tão grande que “moverá montanhas!”

A Semente de Fé, como a semente natural, tem que ser plantada primeiro. Ninguém poderá colher da sementeira que não plantou. É uma lei fácil de verificar. Os agricultores vivem essa verdade fundamental. Eles preparam a terra e plantam a semente primeiro. Depois esperam que o Deus da colheita a multiplique de volta, produzindo muito mais do que plantaram. Qualquer jardineiro,

ao cuidar de um jardim, sabe que primeiro deve colocar a sementinha no solo.

É a fé que leva o homem a plantar sementes, de outro modo ninguém semearia. “Plantar Sementes de Fé é dar alguma coisa de seu a alguém. A “sementeira” germinará e viverá através da sua vida tornando-se como uma planta cheia de frutos com muitas colheitas. A sua “Semente de Fé” é dada com a crença que irá multiplicar, retornando muito maior do que a dádiva.

Aqueles que você ajuda, poderão ou não retribuir, mas Deus nunca deixa sem recompensa e é a Ele que você dá. “Tudo que pedirdes na oração credes que tendes recebido”...

Quer dizer que dando (como Semente de Fé) com intenção de agradecer a Deus, a colheita virá, embora isso não possa ser explicado em termos naturais. É UM MILAGRE!

É preciso ter fé para plantar uma semente e acreditar que resultará na colheita. O que o homem semeia, isso mesmo colherá. Não cansemos de fazer o bem porque, a seu tempo, colheremos”... Seja o que for que o homem semear, colherá. Boa ou má semente, cada uma produzirá sua própria colheita. Se você plantar

boa semente, não desanime de esperar o seu milagre. Confie em Deus, fique ciente de que Ele se preocupa com você e suprirá suas necessidades. Espere um milagre, não das pessoas a quem der, mas de Deus!

No milagre da multiplicação dos pães houve uma “Semente de Fé”. Jesus precisou que alguém colocasse a “semente” para que Ele produzisse a colheita. Um menino deu o seu pequeno lanche e Jesus (parece loucura) usou aquela sementinha e produziu “colheita” suficiente para alimentar 5.000 pessoas famintas!

Uma oportunidade de dar, se for rejeitada, terá sido uma oportunidade perdida de receber. Dê e o mesmo será dado a você”... a medida boa recalcada e transbordante, porque com a mesma medida com que medirdes sereis medidos vós também.

Se você entrar no projeto da “Semente de Fé”, talvez seja época da sua colheita e o resultado poderá estar à sua porta. Cada semente que você plantar será multiplicada de volta no devido tempo. Deus não tarda nem chega cedo demais.

Seja qual for o seu desejo ou as suas necessidades, plante “Sementes de Fé” e espere a colheita de Deus. Por que não? •



DIETA BALANCEADA PARA GARANTIR A SAÚDE

Você tem esse cuidado? Não é difícil, como parece, porque os nutricionistas já organizaram de maneira eficiente os três aspectos: o nutricional, o dietético e o psicológico. A alimentação está dividida em quatro grupos de alimentos que devem estar presentes, todos os dias, na nossa alimentação: São eles:

GRUPO DA CARNE, incluindo carne bovina, suína, pescado, aves, miúdos, ovos e a soja.

Esse grupo fornece as proteínas de alto valor biológico. As proteínas produzem aminoácidos, substâncias que penetram nas células, renovando-as. Esse mesmo grupo também fornece fósforo e vitaminas do complexo B. Todo adulto de atividade normal deve ingerir 2 porções diárias desses alimentos, ou aproximadamente 100 g.

GRUPO DAS VERDURAS E FRUTAS: É o grupo que traz à nutrição os sais minerais, as vitaminas A e C, celulose e fibras. Esses alimentos têm um papel básico no bom funcionamento dos intestinos. A quantidade recomendada é de 2 porções de frutas (sendo 1 cítrica) e 2 porções de hortaliças (1 delas crua) por dia.

GRUPO DO LEITE E SEUS DERIVADOS: As proteínas do leite fornecem cálcio, vitaminas e sais minerais. Dois copos de leite ou

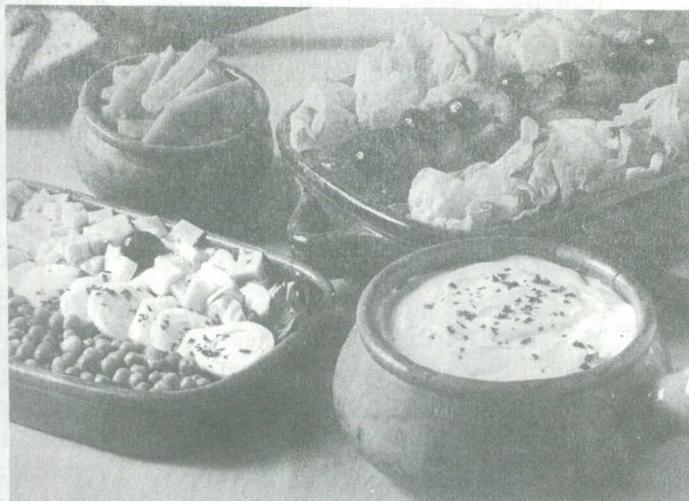
de iogurte ou 1 fatia grossa de queijo constituem o consumo ideal desses alimentos. Vale dizer que para gestantes, crianças, adolescentes e mulheres que amamentam, o consumo diário deve ser maior.

GRUPO DOS PÃES, MASSAS E CEREAIS: Es-

se agrupamento oferece principalmente os hidratos de carbono. São alimentos que produzem energia. Os cereais integrais são mais ricos e a quantidade diária indicada para esse grupo é: 2 fatias de pão, 1/2 xícara de cereal ou 1 porção de macarrão ou polenta.

O cuidado com o planejamento alimentar, como se pode observar, é uma questão de bom senso, de eliminar preconceitos, de abrir o paladar à todas as sensações que os alimentos oferecem. Diz a sabedoria popular que "o bom é gostar de tudo e comer de tudo, um pouco".

Receitas especiais para você que diz não saber preparar legumes



Legumes gratinados

1 quilo de legumes variados (batata, cenoura, vagem, chuchu, couve-flor, etc), picados
4 colheres de maionese Hellmann's
2 colheres de maizena
2 xícaras de leite
2 colheres de queijo ralado
Sal e pimenta, ao paladar.

Cozinhe os legumes em

pouca água com sal. Escorra e reserve. Misture a Maionese Hellmann's com a maizena e junte o leite aos poucos.

Acrescente o queijo, o sal e a pimenta. Leve ao fogo brando, mexendo sempre, até que adquira consistência (cerca de 5 minutos). Disponha os legumes reservados numa forma refractária, despeje por cima o molho e leve ao forno quente para

gratinar (cerca de 10 minutos).

- As medidas devem ser bem corretas: Xícara, é sempre de chá.

- Colher, é colher de sopa: Colherinha, é colher de chá.

Dá 5 a 6 porções.

Batatas douradas

6 batatas médias, descascadas e cortadas em 4

Sal ao paladar

2 xícaras de óleo Mazola.

Coloque as batatas na panela e polvilhe com sal. Regue com o óleo que deverá cobrir as batatas. Tampe e leve ao fogo. Cozinhe em fogo alto, por 5 minutos (a partir do início da saída do vapor): Apague o fogo e espere a pressão sair normalmente. Abra a panela e retire as batatas com a escumadeira. Sirva a seguir. Dá 4 porções.

A respeito do filme de Godard



1. Desde que surgiu o problema do filme, a CNBB em nenhum momento tentou qualquer negociação em troca da censura ao filme. Esta injuriosa versão é absolutamente gratuita e fantasiosa.

2. A respeito da legitimidade ou não de "censura", nota recente do presidente da CNBB já esclareceu a diferença entre "Censura política e ideológica", que não se pode aceitar e que tanto mal causou no período do governo militar, e "Censura de ordem moral" que pode ser, quando criteriosamente feita, necessária defesa do bem comum. É exatamente o caso deste filme. No clima emocional, que se estabeleceu neste momento, já se não está racionalmente distinguindo os dois aspectos.

3. Sob o aspecto doutrinal, não se pode honestamente aceitar que uma obra, por ser ou pretender ser artística, destrua a verdade histórica de Maria Santíssima e seja infiel a esta verdade. Além disto, o sentimento de veneração à Mãe de Cristo, que é patrimônio do povo cristão, merece ser respeitado pelos intelectuais, pelos críticos, pelos artistas. Nem pode a Igreja calar-se, quando sabe, pelos próprios críticos europeus que analisaram a obra de Godard, que o filme esvazia o mistério cristão.

4. Por fim, lembra esta presidência aos católicos a palavra do papa João Paulo II, deplorando que a citada obra cinematográfica "deturpa e vilipêndia o seu significado espiritual e seu valor históri-

co e fere profundamente o sentimento religioso dos crentes e o respeito pelo sagrado e pela figura da Virgem Maria, venerada com tanto amor filial pelos católicos e tão cara aos cristãos". Nem vale, diante da autorizada palavra do Santo Padre, com quem se sentem em comunhão todos os católicos, qualquer outra opinião dela discordante.

É o que, por dever de consciência, a Presidência da CNBB julga oportuno dizer neste momento.

D. Ivo Lorscheiter — Presidente

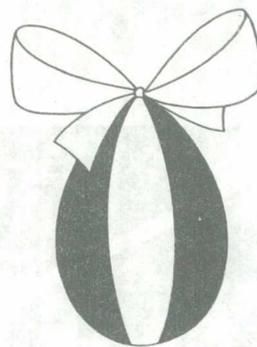
D. Benedito de Ulhoa Vieira — Vice-Presidente

D. Luciano Mendes de Almeida — Secretário Geral

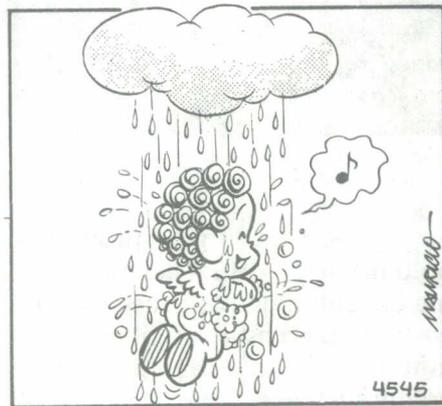
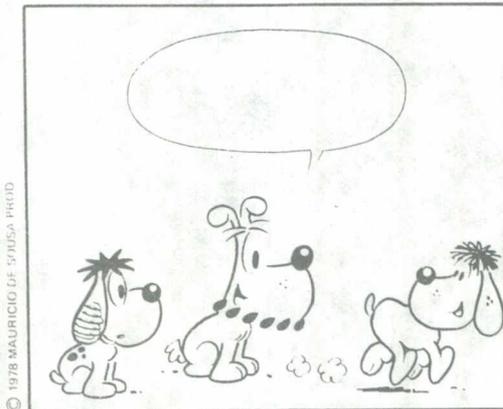
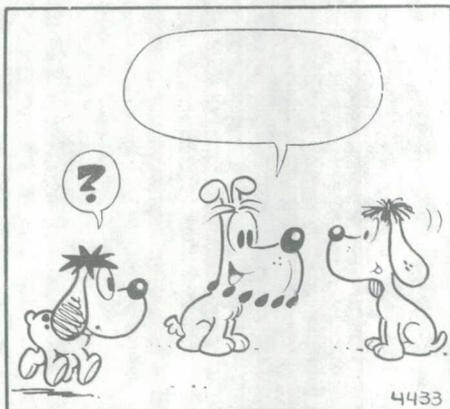
Brasília, DF, 3 de fevereiro de 1986

3 minutos de humor

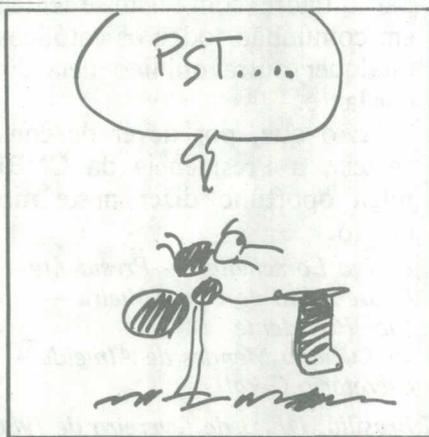
CEBOLINHA - (MAURÍCIO)



Não o abri. Já tenho tido muitas surpresas.
(Clericetti)



O PATO - (CIÇA)





A palavra de Deus na liturgia eucarística

2º DOMINGO DA PÁSCOA — 6/4/86

SALVE O SENHOR JESUS, VENCEDOR DA MORTE



1ª LEITURA: *At 5,112-16.*
Lucas testemunha o fato de que passou o período de crise imposto pela morte de Jesus. Os Apóstolos recuperaram o ânimo e todos, de comum acordo, testemunhavam o Senhor ressuscitado e serviam o povo em seu nome.

2ª LEITURA: *Ap 1,9-11a.*

12-13.17-19. Mediante uma profunda experiência espiritual interior, João percebe, de fato, que Jesus ressuscitou e se tornou o Senhor da vida e vencedor da morte.

EVANGELHO: *Jo 20,19-31.* João nos mostra a quem devemos prestar fé e nos dá as razões plausíveis de acreditar em Jesus Cristo ressuscitado.

REFLEXÃO: Podemos dividir o texto do Evangelho (Jo 20,19-31) de hoje em três momentos distintos. Primeiro momento: Jo 20,19-23. Segundo João, os discípulos se achavam reunidos, na tarde do primeiro dia da semana (o domingo conforme o calendário judaico), certamente procurando uma saída para evitar o confronto direto com os judeus. Eles eram discípulos de um Deus que tinha sido “morto”; e como podiam ousar ainda defendê-lo? O importante é fazer notar que não foram os discípulos que viram a Jesus, mas é Ele quem aparece diante deles onde estavam reunidos. Este acontecimento foi determinante para os Apóstolos. O Evangelista não esconde o fato que eles ficaram alegres ao ver o Senhor, pois recuperaram a confiança em si mesmos e puderam fundamentar, racionalmente, o seu testemunho. Jesus os envia em missão e dá-lhes o seu Espírito como havia prometido. Segundo momento: Jo 20,24-29. Tomé não acredita no testemunho dos outros discípulos sobre a ressurreição de Jesus. Todavia, oito dias depois de aparecer aos discípulos, portanto, também num domingo, Jesus aparece-lhes de novo e volta-se para Tomé. Este o reconhece e professa sua fé, porém é repreendido por Jesus por não ter acreditado sem tê-lo visto. Terceiro momento: Jo 20,30-31. O evangelista João conclui seu Evangelho fazendo ver que a finalidade de seu escrito é testemunhar a fé no Senhor ressuscitado para que todos creiam e tenham a vida nele, único vencedor da morte e doador da vida plena. Ele é nosso libertador.

Carlos Antonio Pereira

3º DOMINGO DA PÁSCOA — 13/4/86
EU TE EXALTO, SENHOR JESUS,
PORQUE ME LIVRASTES



1ª LEITURA: *At 5,27b-32. 40b-41.* Lucas, com preocupação catequética, enfatiza a luta dos Apóstolos para serem fiéis aos ensinamentos de Jesus em meio a um ambiente hostil a eles e a quaisquer outros que levantassem a “bandeira” de Cristo.

2ª LEITURA: *Ap 5,11-14.*

O autor do Apocalipse nos chama a atenção para o fato de que através de uma possível visão, ele teria contemplado toda a criação em estado de louvor, honra e glória a Deus Uno e Trino. Somente a Ele podemos dizer “amém”.

EVANGELHO: *Jo 21,1-19.* Este texto não foi escrito por João. Faz parte de um apêndice elaborado mais tarde, possivelmente, por um discípulo de João ou por sua comunidade. Não obstante, o escrito segue a mesma temática do Evangelista: Jesus vem de encontro aos Apóstolos e lhes propõe novos critérios para testemunhá-Lo.

REFLEXÃO: A liturgia deste domingo ressalta três atitudes fundamentais que o cristão deve possuir à luz daquilo que foi realizado por Jesus Cristo:

1º) Fidelidade e perseverança a Cristo ressuscitado. Comumente, encontramos muitos cristãos com dificuldades em anunciarem fielmente a proposta radical de Jesus Cristo e, concomitantemente, perseverar no que pregaram. Por que ainda vacilamos na fé?

2º) Prestar amém somente a Deus Uno e Trino. À nossa volta circulam muitos “senhores” que reivindicam para si o direito de serem louvados, adorados e obedecidos em tudo que prescrevem. Não importa as conseqüências. Por outro lado, a Sagrada Escritura, hoje e sempre, nos adverte que o único Senhor digno de nosso amém e de nosso louvor é Deus Uno e Trino. Nenhum homem, nenhum chefe de Estado, nenhum patrão pode, arbitrariamente, exigir que lhe prestemos reverência, obediência à sua vontade e às suas leis, muito menos um pacto com suas idéias.

3º) Amor à humanidade e saber perder. O texto do Evangelho (Jo 21,1-19) é claro: se amamos a Deus, necessariamente, devemos amar a humanidade com o mesmo grau de amor. Todavia, como ainda somos bairristas! Queremos uma América Latina livre dos falsos senhores, porém esquecemos a fome e o racismo na África, esquecemos da Ásia cheia de ídolos e vazia de Deus... “Apascentar as ovelhas” de Cristo implica amar a humanidade. Em decorrência disso, é preciso saber perder, sair de nossas posições arcaicas, para que novos pastores nos mostrem qual a alternativa mais correta para testemunhar Jesus Cristo.

Carlos Antonio Pereira

4º DOMINGO DA PÁSCOA — 20/4/86
ACLAMAI O SENHOR, TERRA INTEIRA
ELE ESTÁ AQUI



1ª LEITURA: *At 13,14.43-52.* Lucas atesta a tentativa de Paulo e de seus discípulos de aculturarem o cristianismo ao judaísmo. Respeitavam o Sabbat judaico e participavam das assembléias nas sinagogas procurando proclamar a Palavra de Deus. Porém, os judeus não aceitaram Jesus Cristo. Consequentemente, os pagãos tornaram-se o meio principal de difusão do cristianismo.

2ª LEITURA: *Ap 7,9.14b-17.* Esta visão do autor do Apocalipse vem confirmar que pela paixão-morte-ressurreição de Jesus Cristo toda humanidade foi, por assim dizer, “lavada” em seu sangue, recuperou o sentido da vida, por isso deve servir a Deus Pai.

EVANGELHO: *Jo 10,27-30.* Para João, entre Jesus e o povo há um profundo relacionamento interpessoal, uma empatia de vida e uma inconfundível solidariedade que se concretiza na doação total de Deus Pai.

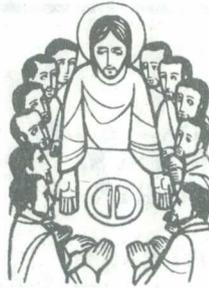
REFLEXÃO: Muitos de nós fomos ensinados a considerar Deus, como Ser transcendente, distante de nossa realidade, morando lá no céu. Viver com Deus somente seria possível após a morte.

A vida de fé era totalmente desligada de nosso cotidiano. O mundo era dividido em dois: mundo profano e mundo religioso. O mundo profano era o habitat dos homens. Ao passo que, o mundo religioso só era penetrado por uns poucos. Tinha que ser santo para poder intentar penetrá-lo. Ora, João desmistifica esta visão e nos faz ver que não há dois mundos (profano e religioso), muito menos duas vidas (vida de fé e vida material) entre as quais devemos optar por uma, pois há um só Deus que se revelou na pessoa de Jesus no meio dos homens. Desde toda a eternidade Ele está aqui conosco. O Antigo Testamento é o retrato fiel da presença de Deus entre os homens, entendido naquela cultura como Javé. No Novo Testamento, o Javé se apresenta como Jesus, o Messias prometido. Ele conhece o seu povo e este ouve a sua voz e o segue. Ele lhe dá a vida eterna e jamais permitirá que pereça ou que seja arrebatado de suas mãos, uma vez que foi criado à sua “imagem e semelhança” (Gn 1,26). Para não deixar dúvidas de sua eterna presença aqui conosco, ele doou-nos o seu Espírito e pediu-nos que fizéssemos, em comunidade (cf. Mt 18,20), o memorial de seu gesto ao nos dar o seu corpo e o seu sangue que radicalizou a sua “temporada” conosco. Tudo isto nos remete para nossa Assembléia litúrgica dominical. É lá que intentamos perpetuar Deus em nosso meio. Como estamos celebrando a presença de Deus na nossa história? Temos consciência que Ele está aqui conosco ou ainda pensamos que Ele nos ignora e está lá longe?

Fazemos autêntica assembléia litúrgica dominical? Conhecemos o povo? Por que somos cristãos? Simplesmente por que nossos pais nos legaram este compromisso ou porque descobrimos que Deus nos criou e nos salvou, por isso devemos ser-lhe fiéis? Devemos fazer Assembléia litúrgica dominical não para meramente cumprir um preceito, ou porque acreditamos em artigos de fé; nem tão somente por causa do homem, ou por causa da comunidade. Deus livra e salva a humanidade mediante Jesus Cristo por causa mesmo do homem e da comunidade humana. A verdade na qual temos que crer é esta: Jesus Cristo ressuscitado. Os dogmas e os artigos de fé nos acenam para esta verdade. Em decorrência de tudo isto, fazer Assembléia litúrgica dominical implica, necessariamente, confiar e aceitar a Palavra divina e ter como real e salvífico o fato da ressurreição de Jesus Cristo.

Carlos Antonio Pereira

5º DOMINGO DA PÁSCOA — 27/4/86
HÁ UM NOVO CÉU
E UMA NOVA TERRA A CONQUISTAR



1ª LEITURA: *At 14,20b-26.* Lucas relata o fim da primeira missão de Paulo ressaltando que as comunidades fundadas eram confirmadas na fé do Senhor e tinham os carismas reconhecidos como ministérios.

2ª LEITURA: *Ap 21,1-5a.* Esta visão do autor do Apocalipse antecipa o complemento da ressurreição de Cristo: “o novo céu e

a nova terra”, em que “todas as coisas” são renovadas. Não haverá mais choro, nem morte, pois Deus habitará com os homens para sempre.

EVANGELHO: *Jo 13,31-33a.34-35.* João nos descreve o ideal de vida proposto por Jesus. Não se trata mais de cumprir a lei mosaica, senão de amar o outro como a mim mesmo, com o mesmo amor de Jesus.

REFLEXÃO: Jesus começa a conscientizar os discípulos sobre a sua ausência entre eles enquanto pessoa humana. A semente está lançada. Cabe-lhes agora passar para a humanidade os ensinamentos do Senhor. É ausência temporária, mas necessária para que venha sobre a terra o Espírito de Cristo ressuscitado. Antes de partir, Jesus volta a insistir sobre o tema do amor. O autêntico discípulo de Jesus será reconhecido como tal na medida em que amar a humanidade gratuitamente. Porém, amor não é um “extra” opcional. Amor é questão de justiça. Deus nos ordena amar o próximo. Portanto, meu próximo tem agora direito a meu amor. No entanto, o amor não se concretiza através de relações individualistas, senão em comunidade que prima por uma verdadeira solidariedade humana para com toda a humanidade e não apenas a um grupo social restrito. A primeira lealdade de cada homem é para com a família humana. Tudo o mais é secundário. É esta lealdade que faz de cada homem um cristão, um seguidor de Jesus Cristo, que se identificou com todos os seres humanos. Isto nos leva a outra área de interesse: o poder. Se ser cristão comporta, necessariamente, amar o outro, tal qual Jesus Cristo o amou, é solidarizar-se com toda a raça humana. Como tenho desempenhado esta missão? Se tenho algum poder nas mãos, como o pratico? Faço do poder um instrumento para dominar e oprimir os outros? Enquanto pais, como exercemos nossa autoridade para com os filhos? Enquanto patrão, como me relaciono com os meus empregados? Enquanto coordenador de comunidade, como estou atuando? Jesus nos ensina, no Evangelho, que o poder e a autoridade devem ser exercidos como serviço e não como uma superestrutura coerciva que supre toda e qualquer iniciativa da comunidade. O Espírito de Cristo nos impele a uma vida nova, a buscar “o novo céu e a nova terra”. Ninguém, na face da terra, pode proibir isto. Amaremos o outro quando as estruturas que hoje nos oprimem se converterem em verdadeiro serviço e ministério para todos igualmente. Todavia, isto não acontecerá sem um grande esforço. Por isso, é preciso que cada um, cada comunidade comece a repensar a sua vida, a sua prática e a sua organização. Todos nós devemos nos questionar constantemente: para que e para quem estou vivendo? Aceito e reconheço os carismas e os ministérios dos outros? Coloco os meus carismas e os meus ministérios a serviço de toda a comunidade? Lanço-me destemidamente na busca do “novo céu e da nova terra”? Neste momento, o que mais me prende e dificulta amar o outro? Finalmente, para que possamos colaborar para o desvelamento do Reino de Deus, implantado por Jesus Cristo entre nós, mas escondido pelo egoísmo, a corrupção, a mentira, a desonestidade e o autoritarismo, é preciso que nós nos abramos ao que nos ensina o Evangelho.

Carlos Antonio Pereira

CRER E SER

Mauro Martins AmatuZZi



Para você ajudar realmente uma pessoa a se desenvolver como pessoa, enfrentando as situações que constituem a trama do viver, livremente, permanecendo você também pessoa, e sem assumir pelo outro a responsabilidade das decisões que lhe competem, você precisa crer na pessoa, e ser você também uma pessoa. Precisa acreditar que o ser humano é capaz. Que existe em cada um ener-

gia suficiente para seu desenvolvimento, mesmo que nesse momento o processo esteja por alguma razão em parte paralisado. É só acreditando nisso, sem deixar de ser você, o que você é, que poderá ajudar dentro de uma atitude acolhedora, compreensiva e de comunicação aberta.

Senão você irá transformar as pessoas, sim, mas de uma forma autoritária e dominadora. Como

se você fosse o dono da verdade. Mas isso será uma maneira de você mesmo esconder seu medo. Seu medo de conviver. Seu medo de entrar numa relação profunda de gente para gente.

Se não houver essa fé nas pessoas, você fica sem a mola propulsora de todo o processo, e sua ajuda poderá se limitar a um simples treinamento mecânico.

Mas acontece, Mana, que isso são coisas que não se compram em supermercados, nem nos são dadas junto com nenhum diploma. Você pode crer por tática, para poder exercer sua ajuda, artificialmente, ou você pode crer porque realmente tem fé e respeito. É muito diferente, sabe? •

NA PAZ DO SENHOR

Em Itajubá, MG, Maria Aparecida Simões Machado aos 27/11/85. Em Sorocaba, SP, Milton José Del Ben aos 7/11/85. Em Cerquilha, SP, Pedro Gayotto aos 31/7/85, assinante da Revista AVE MARIA a quase 60 anos. Em Martinópolis, SP, Napoleão Pedro de Almeida aos 23/8/85, foi assinante da Revista AVE MARIA mais de 20 anos. Em Batatais, SP, José Natanael de Melo aos 11/10/85. Foi católico exemplar e representante da Revista AVE MARIA por muitos anos. Em Barra Mansa, RJ, Hilton Lima Silva aos 6/9/85. Em Sabará, MG, Raymundo Madalena Reis aos 11/1/85.

AGRADECEM FAVORES

Zulmira de Paiva Pereira por intermédio de Nossa Senhora. Odette Giglio por intermédio de São Expedito.

ASSINANTES EM FESTA

Parabéns ao casal José Estevam Dias e Maria Pulquéria Santos Dias pelos 51 anos de casados comemorados no dia 31/1/86. Parabéns ao casal Vicente Paschoal e Gessy de Oliveira Paschoal que completaram 50 anos de casados em 5/6/85.

LEITURAS PARA OS DIAS DE SEMANA

ABRIL — **Dia 1, TERÇA:** At 2,36-41; Jo 20,11-18. **Dia 2, QUARTA:** At 3,1-10; Lc 24,13-35. **Dia 3, QUINTA:** At 3,11-26; Lc 24,35-48. **Dia 4, SEXTA:** At 4,1-12; Jo 21,1-14. **Dia 5, SÁBADO:** At 4,13-21; Mc 16,9-15. (**Dia 6, DOMINGO**). **Dia 7, SEGUNDA:** Is 7,10-14; 8,10; Hb 10,4-10; Lc 1,26-38. **Dia 8, TERÇA:** At 4,32-37; Jo 3,7b-15. **Dia 9, QUARTA:** At 5,17-26; Jo 3,16-21. **Dia 10, QUINTA:** At 5,27-33; Jo 3,31-36. **Dia 11, SEXTA:** At 5,34-42; Jo 6,1-5. **Dia 12, SÁBADO:** At 6,1-7; Jo 6,16-21. (**Dia 13, DOMINGO**). **Dia 14, SEGUNDA:** At 6,8-15; Jo 6,22-29. **Dia 15, TERÇA:** At 7,51-8,1a; Jo 6,30-35. **Dia 16, QUARTA:** At 8,1b-8; Jo 6,35-40. **Dia 17, QUINTA:** At 8,26-40; Jo 6,44-51. **Dia 18, SEXTA:** At 9,1-20; Jo 6,52-59. **Dia 19, SÁBADO:** At 9,31-42; Jo 6,60-69. (**Dia 20, DOMINGO**). **Dia 21, SEGUNDA:** At 11,1-18; Jo 10,1-10. **Dia 22, TERÇA:** At 11,19-26; Jo 10,22-30. **Dia 23, QUARTA:** At 12,24-13,5a; Jo 12,44-50. **Dia 24, QUINTA:** At 13,13-25; Jo 13,16-20. **Dia 25, SEXTA:** 1Pd 5,5b-14; Mc 16,15-20. **Dia 26, SÁBADO:** At 13,44-52; Jo 14,7-14. (**Dia 27, DOMINGO**). **Dia 28, SEGUNDA:** At 14,5-18; Jo 14,21-26. **Dia 29, TERÇA:** At 14,19-28; Jo 14,27-31a ou prs; 1Jo 1,5-2,2; Mt 11,25-30. **Dia 30, QUARTA:** At 15,1-6; Jo 15,1-3.



DOIS RELIGIOSOS DISCUTEM O ALCOOLISMO

Donald Lazo

Se perguntarmos a uma criança de 10 anos o que gostaria de ser quando for adulto, nenhuma diria “alcoólatra” ou “bêbado”. No entanto, um em cada 5, 6 ou 7 pessoas que bebem se tornam dependentes da bebida.

Nos próximos números de AVE MARIA, gostaria de reproduzir um encontro extraordinário que reuniu duas das mais proeminentes figuras religiosas dos Estados Unidos num diálogo sobre a doença que mais adultos mata nesse — e neste — país. O diálogo foi entre o Reverendo Robert Schuller, líder mundial de uma denominação protestante, e o Padre Joseph C. Martin, um padre que, bem provavelmente, afetou a recuperação de mais alcoólatras e suas famílias que qualquer outro indivíduo nesta década. O Reverendo Schuller convidou o Padre Martin a participar de seu programa de televisão, “A Hora do Poder”, transmitido para milhões de televidentes nos Estados Unidos, Canadá e Austrália. O diálogo foi publicado na revista “Alcoholism — the national magazine”, editada bimensalmente por Alcom, Inc., P.O. Box 19519, Seattle, WA 98109 (EUA). O Reverendo Schuller começou por apresentar o Padre Martin como “cristão devotado, um sacerdote ordenado, um padre da Igreja Católica Romana, e um alcoólatra recuperado”. O que estes dois homens tinham em comum era uma preocupação humana pelas vítimas do alcoolismo. A conversa prosseguiu assim:

Reverendo Schuller: Antes que o Presidente e a Sra. Ford entrassem no centro de reabilitação, não muitos quilômetros daqui, onde a Sra. Ford recebeu sua terapia e foi recuperada do alcoolismo, a primeira coisa que o médico do centro de Long Beach fez foi mostrar à Sra. Ford e seu marido o filme “Bate-papo com Giz”, do Padre Joseph Martin.

Por causa do anonimato que cerca a maioria dos alcoólatras recuperados, não posso sequer começar a dar-lhes os nomes das pessoas que hoje são alcoólatras recuperados graças ao Padre Joseph Martin. Bem-vindo à Igreja da Comunidade de Garden Grove à “Hora do Poder”.

Padre Martin: Muitíssimo obrigado.

Reverendo Schuller: Diga-me, como é que o senhor entrou para o campo do alcoolismo e seu estudo?

Padre Martin: Bem, foi muito simples. Foi principalmente através de minha própria recuperação 22 anos atrás. Porém, não tive nenhuma noção, nenhuma idéia, sequer qualquer desejo de entrar profissionalmente para o campo do alcoolismo. Eu era professor de seminário; ensinava jovens da

escola secundária na cidade de Baltimor, e depois de minha recuperação, voltei a dar aulas. Mas, como o Senhor resolve as coisas a *sua* maneira, depois de 12 anos o seminário menor foi encerrado e me deram permissão para trabalhar profissionalmente no campo do alcoolismo. É isso que eu faço. É minha designação principal.

Reverendo Schuller: Como pode uma pessoa saber se ela tem um problema de alcoolismo?

Padre Martin: Devido a sua natureza química, o álcool é um sedativo e cria dependência facilmente. O alcoolismo é, nada mais e nada menos, do que a dependência desta droga. Agora, ninguém decide tornar-se um alcoólatra. Eu costumo perguntar aos auditórios: Voltem para a idade de 10 anos e escrevam, mentalmente, num pedaço de papel, o que vocês gostariam de ser quando forem adultos. Reverendo, não existe uma única pessoa nesta catedral magnífica que escreveria “alcoólatra” ou “bêbado”. No entanto, uma em cada cinco, seis ou sete pessoas que bebem se torna dependente da bebida.

E como se sabe que se tem esta doença? Como pode você saber se é um alcoólatra? Basicamente, a minha própria definição é muito, muito simples. O que causa problemas é um problema porque causa problemas. Quando o álcool causa problemas, trata-se de um problema de álcool, e eu o chamo *alcoolismo*. Manifesta-se através de certos sinais que são muito fáceis de perceber — para qualquer um que conheça um mínimo sobre o assunto.

Reverendo Schuller: E quais seriam alguns destes sinais?

(Continua no próximo número).

Enfrentando os poderosos

Frederico Dattler

Foram sempre momentos dramáticos quando um profeta foi incumbido para falar com o rei em termos de repreensão ou de ameaça.

Natan e Davi (2Sm 12):

Após o adultério com Betsabé e o homicídio de Urias, Natan compareceu perante o rei para contar-lhe a história do rico que arrancou do vizinho pobre o único cordeiro para preparar uma refeição a uma visita. Furioso ao ouvir tamanha injustiça, Davi exclamou:

- O homem que fez isso merece a morte! Pagará sete vezes o valor do cordeiro, por ter praticado esse atentado e não ter tido compaixão!
- Esse homem és tu! Feriste com a espada Urias para fazer da mulher dele a tua esposa.
- Pequei contra Javé!
- Javé perdoou o teu pecado. Não morrerás. Todavia, como desprezaste Javé com a ação que praticaste, morrerá o filho que geraste.

Jeroboão e o profeta anônimo (1Rs 13):

Um homem de Deus procedente de Judá por ordem de Javé, pôs-se a clamar contra o altar ilegal construído por Jeroboão em Betel:

- Altar, altar! O altar vai-se fender e a cinza que está por cima cairá por terra!
- (O rei): Prendei-o!
- (Paralisando-se a mão do rei, este suplica): Aplaca Javé, teu Deus, e roga para que me seja restituída a minha mão!
- (Depois de curado pelo profeta): Vem comigo à minha casa para restaurar as tuas forças e dar-te-ei um presente.
- Mesmo que me desses a metade de tua casa, não irei contigo. Não

comerei, nem beberei neste lugar, conforme Javé me ordenou.

Elias e Acab:

- Pela vida de Javé, Deus de Israel, a quem sirvo: Não cairá nestes anos orvalho ou chuva, senão quando eu disser (1Rs 17,1).
- És tu aquele indivíduo que arruína Israel?
- Não, eu não sou a ruína de Israel; antes, és tu mesmo e a casa de teu pai por terdes abandonado os preceitos de Javé e seguido aos baals (1Rs 18,17.18).
- Cometeste um homicídio (de Nabot) e agora usurpas a sua vinha. No mesmo lugar onde os cães lamberam o sangue de Nabot, lamberão também o teu.
- Encontraste-me de novo, inimigo meu!
- Sim, porque te vendeste para fazer o mal aos olhos de Javé (1Rs 21,19.20).

Elias e Ocozias (2Rs 1):

- (Elias aos mensageiros do rei): Não há porventura um Deus em Israel para irdes consultar Baal-Zebub? Por isso, eis o que falou Javé: Não te levantarás do leito em que jazes, mas morrerás.
- (Ocozias aos mensageiros): Por que voltais?
- Um homem saiu-nos ao encontro e disse: Ide, voltai ao rei que vos enviou e dizei-lhe...
- Qual era o aspecto desse homem que se encontrou convosco e vos falou desse modo?
- Era um homem vestido de peles, cingido dum cinto de couro.
- É Elias, o tesbita!

Eliseu e Jorão (2Rs 6,31.32):

- Que Deus me trate com todo o rigor, se a cabeça de Eliseu lhe fica hoje ainda sobre os ombros dele!

- Não sabeis que este filho de assassino deu ordem a alguém para me cortar a cabeça? Atenção! quando chegar o mensageiro, fechai-lhe a porta e afastai-o.

Hanani e Asa (2Cr 16,7.10):

- Porque confiaste no rei da Síria e não em Javé, o exército do rei da Síria escapou das tuas mãos. “Asa irritou-se contra o vidente e mandou encerrá-lo na prisão”.

Zacarias e Joás (2Cr 24,20.21):

“O Espírito de Deus desceu sobre Zacarias, filho de Jojada sacerdote, que se apresentou diante do povo e disse:

- Assim falou Javé: Porque transgredis os mandamentos de Javé, nada conseguireis; abandonastes a Javé, e Javé vos abandonou a vós!
“Mas eles se revoltaram contra ele e o apedrejaram por odem do rei no átrio do templo de Javé” (cf. Mt 23,35).

Amasias e o profeta anônimo (2Cr 25,15.16):

- Por que adoraste esses deuses estrangeiros que não foram capazes de salvar o povo deles das tuas mãos?
- Foste acaso nomeado conselheiro do rei? Retira-te se não queres que te mate!
- Sei que Deus decretou a tua perdição, porque te portaste mal e não quiseste ouvir a minha advertência.

Jesus (Lc 13,33.34):

- Não se admitê que um profeta pereça fora de Jerusalém. Jerusalém, Jerusalém! matas os profetas e apedrejas aqueles que te são enviados!

TERRA DE DEUS, TERRA DE IRMÃOS

“**T**erra de Deus, terra de irmãos’ — quer dizer: conhecer Deus como Senhor, legislador e juiz; acolher Cristo e reconhecer que ele, quando da sua Páscoa na terra dos homens os proclamou ‘todos irmãos’ (Mt 23,8).

E Cristo continua a passar, nas áreas indígenas, rurais e urbanas do Brasil, convidando a todos a terem parte na sua Páscoa, identificando-se com:

- O irmão sem terra e sem trabalho, a gritar a falta de sentido da própria existência sofrida;
- O irmão sem casa, que dorme pelas beiras das calçadas, a gritar o frio de não ter lar, do desamor e falta de calor humano;
- O irmão analfabeto, ‘sem voz nem vez’, gritando a sua condenação ao subemprego e mendigando a própria participação;

— O irmão doente ou que vive atrás das grades da cadeia, a clamar: eu não quero ser um marginal;

— O irmão sedento, porque houve o flagelo da seca, a aumentar a sua sede de justiça, amor à fraternidade;

— O irmão faminto, que mostra toda a sua fome de pão e fome de Deus.

Todos estes deixam entrever o rosto de Cristo. Para todos estes é necessário a ‘terra de Deus’ tornar-se cada vez mais ‘terra de irmãos’.

Ajudemo-los!

É este o caminho da fraternidade, em direção à Páscoa litúrgica e à Páscoa eterna, onde Cristo nos espera, para dizer: ‘A mim o fizestes!’ ‘Vinde benditos de meu Pai, entrai na posse do reino que para vós está preparado desde a criação do mundo’ (Mt 25,34)’.

(João Paulo II — Abertura da Campanha da Fraternidade de 1986)

